

Trabalho de Conclusão de Curso

CD JOVEM: CULTURA DE MASSA NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA?

Rodrigo de Galiza Barbosa

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2008
Orientador: Vanderlei Dorneles, Ms.

Resumo: Recentemente as músicas cristãs oferecidas ao público jovem e evangélico têm sofrido uma influência existencialista. Uma das possíveis causas dessa influência é a apropriação dos recursos da cultura de massa para divulgar suas mensagens. Nesse meio, as músicas são transformadas em meios de comunicação de massa e sofrem uma simplificação de seu conteúdo apelando para o aspecto emocional em detrimento da razão. Essa é uma das características da cultura de massa que coaduna com o paradigma existencialista. Essa simplificação da mensagem causa uma desescatologização da mensagem bíblica. Como a Igreja Adventista do Sétimo Dia é um movimento escatológico e jovem, no Brasil, é importante saber se sua produção musical jovem mais importante, o CD Jovem, tem sido influenciado. Pois isso poderia resultar na perda de sua identidade, ao tentar ser relevante a sociedade jovem pós-moderna.

Palavras-chave: Existencialismo, cultura de massa, música religiosa, jovem, Adventismo, Brasil.



Youth CD: Mass Culture in the Seventh-day Adventist Church?

Abstract: Nowadays, the Christian music in the market for to the young Christian and Evangelical public is under an existentialistic influence. One of the possible reasons for that is the appropriation of the resources of mass culture in order to spread its message. In such a context, the music is transformed into a media of mass communication. It undergo a process of simplification of its content, and it appeals more to the emotions than to reason. This is one of the aspects of the mass culture that corresponds to the existentialistic paradigm. The simplification of the religious message is done in detriment of the eschatological nature of the biblical message. Since the Seventh-day Adventist Church is a recent eschatological movement, it is relevant to know if its most important musical production for young people in Brazil, the Youth CD, has been affected or not. This eventuality may result in the loss of its identity as the Church searches to become relevant to a society of postmodern young people.

Keywords: Existentialism; Mass Culture; Religious Music; Youth; Adventism; Brazil.

RODRIGO DE GALIZA BARBOSA

CD JOVEM:
Cultura de massa na Igreja Adventista do
Sétimo Dia?

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho.

Modalidade: monografia

Orientador: Ms, Vanderlei Dorneles

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Engenheiro Coelho, SP – 2008

CD JOVEM: Cultura de massa na Igreja Adventista do Sétimo Dia?

RESUMO

Recentemente as músicas cristãs oferecidas ao público jovem e evangélico têm sofrido uma influência existencialista. Uma das possíveis causas dessa influência é a apropriação dos recursos da cultura de massa para divulgar suas mensagens. Nesse meio, as músicas são transformadas em meios de comunicação de massa e sofrem uma simplificação de seu conteúdo apelando para o aspecto emocional em detrimento da razão. Essa é uma das características da cultura de massa que coaduna com o paradigma existencialista. Essa simplificação da mensagem causa uma desescatologização da mensagem bíblica. Como a Igreja Adventista do Sétimo Dia é um movimento escatológico e jovem, no Brasil, é importante saber se sua produção musical jovem mais importante, o CD Jovem, tem sido influenciado. Pois isso poderia resultar na perda de sua identidade, ao tentar ser relevante a sociedade jovem pós-moderna.

Palavras-chave: Existencialismo, cultura de massa, poesia, imagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
Questões e problemas	6
Objetivos	7
Justificativa	7
Desenvolvimento da pesquisa.....	7
CAPÍTULO I – EXISTENCIALISMO E DESESCATOLOGIA NA RELIGIÃO PÓS-MODERNA	8
1.1 Existencialismo-materialista.....	8
1.2 Raízes do essencialismo adventista	11
1.3 A Cultura de massa	13
CAPÍTULO II – EXISTENCIALISMO NA POESIA DA MÚSICA DO CD JOVEM ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA.....	17
2.1 Análise de conteúdo	17
2.2 Desenvolvimento do tema e análise.....	19
2.3 Dados e conclusões parciais	23
CAPÍTULO III - A IMAGEM COMO MEIO DE ADORAÇÃO	32
3.1 A imagem e o existencialismo na religião.....	32
3.2 Análise das imagens do CD jovem.....	34
3.3 Dados e conclusões parciais	37
3.3.1 Análise dos clipes	37
3.3.2 Análise dos vídeos	40
3.4 Considerações.....	41
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

Introdução

O cristianismo, desde cedo, usa a música na adoração a Deus. E essas músicas expressam a mentalidade do crente e sua visão do mundo físico e espiritual (STEFANI, 2002. p.187). Nos primeiros anos a ênfase encontrada nas músicas cristãs consistia na visão de um Deus transcendente, alguém para além de nós (STEFANI, 2002. p.166). Essa superioridade aumentava o senso de reverência e de reconhecimento do sagrado. Ao mesmo tempo em sua comunicação litúrgica o aspecto racional mediado por uma reflexão bíblica era quase inexistente, pois, as missas eram realizadas numa língua não conhecida pela maioria e o povo não tinha acesso à leitura da Bíblia.

Após a Reforma Protestante, que se iniciou no século XVI, o Deus além de nós tornou-se mais próximo do homem (STEFANI, 2002. p.166). Os cristãos, a partir da influência desse movimento, passaram a acreditar que Deus trabalha pelo homem e não contra ele como transparecia na comunicação da Igreja vigente. A Bíblia foi traduzida para a língua local e lida pelo povo. Assim também a música que era usada no dia a dia foi transformada em música litúrgica e o uso das imagens sagradas também foi modificada para adequar a crença Protestante.

De acordo com Alberto Klein em sua obra *Imagens de culto e imagens da mídia* (2006a), a imagem foi rapidamente associada à liturgia cristã na sua primeira fase, pré-Reforma. Mas com a Reforma protestante surge um movimento contra imagens (KLEIN, 2006a. p.22). Os protestantes elevaram a razão e a racionalidade da palavra à textolatria. A Bíblia, e não os santos, passou a ser o centro do culto Protestante (KLEIN, 2006a. p.222).

No contexto dessa mudança litúrgica os reformadores Martinho Lutero e Calvino afirmaram que a Bíblia deveria ser interpretada racionalmente e individualmente (CALVIN, 1966. p.36; LUTERO, 1992. vol.3 p.121). Assim, mesmo colocando a razão como determinante religioso, os reformadores iniciaram o processo da subjetividade e do individualismo na determinação da religiosidade ao romperem com a autoridade da Igreja Católica da época.

No século XVI, surgem então, com força, os movimentos espirituais que fizeram em suas mensagens que o divino descesse ainda mais perto da terra. A ênfase na subjetividade, do emotivo, era comum, pois Deus estava não mais além do homem (transcendente), nem pelo homem, mas dentro dele (imaneente). Esse cristianismo menos

intelectualizado dá origem ao pentecostalismo que prioriza o individualismo e a imanência do divino.

Nesse percurso histórico as músicas sempre refletiam a mentalidade cristã de cada período (ver STEFANI, 2002, Cap. IV). Nesse contexto de evolução musical e teológica, o pentecostalismo aparece no Brasil introduzindo na divulgação de sua mensagem a música *gospel*.

Esse fenômeno *gospel* tem crescido desde seu início no país. Esse estilo musical foi principalmente espalhado pela Igreja Renascer em Cristo na década de 80 e surge para atender um público especial, o segmento jovem. Os mais novos estavam insatisfeitos com a liturgia das igrejas, denominadas tradicionais, e partiram para uma liturgia mais “animada” (STEFANI, 2002. p.179-184)

A música *gospel* logo foi transformada em um produto, sendo vendido em lojas por todo o Brasil. Os corinhos ou músicas jovens, que até a década de 70 eram usadas apenas em movimento para-eclesiais e cultos jovens, são introduzidos na liturgia por igrejas pentecostais. Esse estilo de música hoje é muito usado pelo neopentecostalismo e possui algumas características importantes ao estudo da religiosidade e a comunicação.

Uma delas é que o momento de louvor é marcado por uma psicologia hedonista. A “experiência com Deus deve ser acessível, imediata e sem reservas” (OLIVEIRA, 2005. p.85). Isso é esclarecido com a análise das letras das músicas usadas nessa liturgia (OLIVEIRA, 2005. p.99-102). As mensagens pregadas são materialistas, existencialistas e priorizam o “cliente”, já que houve uma mistura entre mercado-igreja (OLIVEIRA, 2005. p.88).

Isso leva a uma outra característica importante do nosso estudo. As mensagens bíblicas retratadas nessas músicas são desescatologizadas, ou seja, as ênfases na volta de Jesus e no fim do mundo são eliminadas. As bênçãos e os benefícios que bíblicamente são advindas desse evento futuro, nessas músicas são trazidas para o presente, o agora e imediato.

Como descrito acima brevemente, ao mesmo tempo em que a mensagem cristã se modificou, os meios usados para propagá-la também. Isso porque os meios usados na comunicação da mensagem religiosa podem afetar profundamente o seu conteúdo como apontado por vários pesquisadores (KLEIN, 2006a.; CONTRERA, 2006; OLIVEIRA, 2005).

Hoje as igrejas cristãs neopentecostais que enfatizam a aspecto emotivo da religiosidade, têm usado a cultura de massa para propagar sua mensagem, pois ela favorece a transmissão de conteúdos espirituais no mundo pós-moderno num formato emocional. Algumas semelhanças apontadas, entre o divino e a cultura de massa, são que os personagens da mídia são divinizados e a sua mensagem se torna onipresente (ADORNO, 1975. p.180,181; MORIN, 2002. p.106-109). Mas nesse processo ela mundaniza o divino (CONTRERA, 2006). Componentes da fé cristã que eram consideradas para acontecer no futuro são trazidos para o presente. Pois a cultura de massa e a religiosidade pós-moderna é imediatista.

Em meio a essa mudança de paradigma religioso, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) enfatiza em sua mensagem o futuro, com o evento da volta de Jesus. Ao seguirem princípios influenciados pela Reforma, os adventistas apontam a Bíblia e a razão como determinantes da religiosidade. Por isso, sua ênfase no estudo e na reflexão. Mas nos últimos anos a Igreja Adventista se apropriou de outros meios de comunicação para tentar propagar sua mensagem, além dos livros e lições de estudos bíblicos (com o apelo a razão, textual), programas televisivos, rádios e uma forte produção musical (recursos audiovisuais) têm sido utilizadas para tal fim. Nesse último apontado, destaca-se a coletânea de músicas jovem, produzida anualmente, que se tornou padrão nos cultos direcionados ao público jovem.

Como produto industrial ele faz parte da cultura de massa que tem a característica de simplificar a mensagem para se adequar ao meio mercadológico. Tendo assim a possibilidade de tornar sua mensagem existencial-desescatológica, como o neopentecostalismo, em contraste com a crença adventista essencial-escatológica. Surgem então alguns problemas.

Questões e problemas

Nessa nova onda de mercantilizar a religião para atrair os jovens, a música é identificada como maior meio de atração, e ao mesmo tempo, de propagação da filosofia existencialista (OLIVEIRA, 2005. p.99). Estará a IASD sendo influenciada por essa onda no meio e na mensagem? Que ensinamentos bíblicos, teológicos ou doutrinários são refletidos na poesia dos hinos cantados pelos jovens adventistas do sétimo dia? Que paralelos ou contrastes podem ser estabelecidos entre a hinologia jovem adventista e a tendência em tornar os cantos jovens existenciais?

Objetivos

O propósito do trabalho é identificar se as letras das músicas, produzidas especificamente para um público jovem, transmitem uma ideologia existencialista dentro da IASD. E se essa produção musical segue as características da cultura de massa.

Justificativa

A IASD é por origem e natureza, uma igreja que enfatiza o fim do mundo e a volta de Jesus. Portanto, é importante saber que mentalidade teológica está sendo formada através dos CD Jovem nessa nova geração de adventistas. Se suas letras apenas confirmam a ênfase escatológica do movimento ou comunicam um existencialismo pós-moderno.

Desenvolvimento da pesquisa

Na primeira parte do estudo é realizada uma descrição dos conceitos teórico-filosóficos usados na problematização da pesquisa. O existencialismo como influência negativa e o essencialismo como influência positiva na compreensão da mensagem da escatologia cristã, mensagem enfatizada pela IASD. Nesse capítulo essas correntes são contrastadas numa dicotomia de razão e emoção como determinante religioso.

No segundo capítulo é descrito como foi feita a classificação das poesias musicais da coletânea jovem adventista. Tendo como base os conceitos da análise de conteúdo, elas foram classificadas tendo em vista as características das filosofias existencialistas e essencialistas como descrito no capítulo anterior.

E encerrando a análise da comunicação adventista via CD Jovem, foi feita uma análise das imagens dos slides e dos DVDs usados junto às poesias na transmissão do conteúdo musical dessa coletânea.

Em cada um dos capítulos, breves considerações são feitas na tentativa de responder a problemática levantada e em seguida todas essas informações são reunidas numa conclusão onde propostas são feitas pelo autor.

CAPÍTULO I

EXISTENCIALISMO E A DESESCATOLOGIA NA RELIGIÃO PÓS-MODERNA

Antes de analisar os cânticos do CD Jovem adventistas do sétimo dia, é importante definir e identificar bem os conceitos teóricos. A principal filosofia que será discutida nesse trabalho é o existencialismo-materialista. O conceito de simplificação da mensagem da indústria cultural, como característica da pós-modernidade, é importante na contextualização do CD Jovem como possível meio de cultura de massa, visto que o existencialismo-materialista e o imediatismo são características marcantes da pós-modernidade e da cultura de massa.

Na primeira etapa, serão apontadas as principais características do existencialismo em contraste com a filosofia essencialista do ser, como ela afetou a teologia e como essa filosofia contrasta com o pensamento adventista do sétimo dia. Após essa caracterização, uma descrição da cultura de massa é feita a fim de traçar paralelos entre suas características e as filosofias anteriores. A partir desses conceitos, nos capítulos seguintes, será aplicada a metodologia da análise de conteúdo à letra e a imagem dos CD Jovem para verificar se ele pode ser caracterizado como produto da indústria cultural.

1.1 EXISTENCIALISMO-MATERIALISTA

A teoria existencialista é o oposto da filosofia essencialista no que se refere ao ser (MACINTYRE, 1972. vol.3 p.148; MORA, 1984. p.1088; *Mirador*, vol.9 p.4459; PENHA, 1989. p.59). O essencialismo é a crença que afirma a distinção entre as características acidentais e essenciais das coisas (BLACKBURN, 1997. p.126; MACINTYRE, 1972. vol.3 p.59; MORA, 1984. p.985). Os filósofos da essência como Aristóteles atribuíam à razão da existência ao conhecimento intelectual (*Mirador*, vol.9 p.4459; MACINTYRE, 1972. vol.3 p.59). A essência é a característica humana que o distingue dos demais seres.

No pensamento essencialista a verdade ou existência precede ao ser e ao sentimento (*Mirador*, p.4460; PENHA, 1989. p.13,59). Para esses filósofos a essência

não coincidia com a existência em seres finitos, somente em Deus. E os filósofos essenciais centravam suas idéias em um ser supremo ou num ideal superior enquanto que os filósofos existencialistas centravam suas idéias no homem e na sua percepção ou sentimento (MACINTYRE, 1972. vol.3 p.59; *Mirador*, p.4460).

Um dos expoentes do pensamento existencialista foi Sócrates (*Mirador*, p.4460). Ele enfatizava que a existência precede a essência. Por isso, a base de sua filosofia era o homem, e sua liberdade. Para o existencialismo o homem se torna o determinante da essência. Nessa teoria a primazia é da liberdade em relação ao ser; da subjetividade em relação ao objetivismo, dualismo, voluntarismo, ativismo (BLAKBURN, 1997. p.134; *Mirador*, p.4460).

No cristianismo esse pensamento existencialista é introduzido por Agostinho. A subjetividade impera na sua hermenêutica, e a interiorização do espírito divino marca a religiosidade agostiniana (*Mirador*, p.4460; OUTLER, 1965. p.290, 296). Mais tarde essa mudança de paradigma na filosofia, de um ser supremo para o homem, originou o intelectualismo de René Descartes e sua máxima “penso, logo existo”, como resultado desse pensamento existencialista-humanista. Com suas idéias, Descartes influencia a interpretação da realidade existencialista (MACINTYRE, 1972. vol.3 p.148) onde o homem se torna o centro e determinante da realidade (DESCARTES, 1968. p.33,107-109; GRENZ, 1997. p.101).

Sobre o existencialismo moderno, o seu principal sistematizador é Sören Kierkegaard (MACINTYRE, 1972. vol.3 p.148; *Mirador*. p.4461; PENHA, 1989. p.15). O filósofo dinamarquês do século XIX exalta a existência ao invés da essência em sua crítica ao cristianismo vigente (KIERKEGAARD, 1964. p.vi). Kierkegaard acreditava que o conhecimento sensível era primordial ao intelectual (KIERKEGAARD, 1964. p.vi, 29, 31; MACINTYRE, 1972. vol.3 p.147; PENHA, 1989. p.20). Contradizendo a Descartes e sua filosofia do “Penso, logo existo” (Cogito ergo sum) ele afirma: “Quanto mais penso, menos sou, e quanto menos penso, mais sou” (KIERKEGAARD In: *Mirador*. p.4460). Na perspectiva do pensamento existencial a fórmula cartesiana deve ser invertida: não existo porque penso, mas penso porque existo (*Mirador*. p.4460; KIERKEGAARD, 1964. p.v,vi).

Combatendo o sistema religioso católico romano de sua época, que para Kierkegaard desfigurava o cristianismo, ele apela ao extraordinário, um contato mais direto com Deus, uma relação absoluta com o Absoluto (KIERKEGAARD, 1964. p.31; *Mirador*, p.4460). Ele é levado a exaltar a existência no que tem de secreto, misterioso e

irracional (PENHA, 1989. 21). A experiência torna-se o determinante religioso. A verdade é subjetiva e a expressão do indivíduo (PENHA, 1989. p.21). A questão não está em encontrar a verdade, mas em uma verdade que se torna verdadeira quando o homem se apropria dela e a converte em vida (*Mirador*, p.4461; PENHA, 1989. 25,26).

Esse pensamento existencial que influenciaria a teologia de Kierkegaard foi explorado pelos deístas. Um deles vindos do Iluminismo foi Jean Jacques Rousseau. Para ele, também, o sentimento precede a razão na apreensão da realidade e do sobrenatural (HIGUET, 2005. p.35).

Na mesma época de Kierkegaard o teólogo Friederich Schleiermacher desenvolve sua teologia com base nessas características existencialistas. Assim também Rudolph Bultmann mais tarde refletirá essas mesmas características em sua teologia. Como expoentes teólogos que herdaram esse pensamento existencial (CLEMENTS, 1991. p.36; HIGUET, 2005. p.114; KÄRKKÄINEN, 2002. p.62) ambos consideram que a Bíblia torna-se a palavra de Deus com a experiência do cristão. Mas a Bíblia não é a palavra de Deus sem a experiência. A Bíblia para Schleiermacher é apenas o testemunho de homens que tiveram seu encontro com o divino. E o mais importante na religião é o sentimento presente, o encontro intuitivo com o divino (CLEMENTS, 1991. p.44; HIGUET, 2005. p.114; PENZO, 2002. p.634).

Isso faz com que a religião se torne apenas presente e sensacional. Conceitos como: pecado, salvação e volta de Jesus, são reinterpretados com significados existencial presente (HIGUET, 2005. p.124), pois a relação Deus-homem é reinventada a luz dos conceitos existenciais (BLACKBURN, 1997. p.134). E o existencialismo tem como fundamento a negação do transcendente ao enfatizar a imanência (PENHA, 1989. p.62).

Friederich Nietzsche continua a desenvolver o pensamento existencialista no século final do século XIX. Para Nietzsche a realidade é múltipla e contraditória, e só as multiplicidades dos pontos de vista opostos pode traduzir a complexidade da existência (GRENZ, 1997. p.133; *Mirador*, p.4461). A verdade não é uma adequação realista do entendimento às coisas do mundo, mas uma forma de crença, uma opção pessoal, uma escolha de vida. Sua noção relativa da verdade se aproxima da visão de Kierkegaard.

No século XX influenciado por Kierkegaard e Nietzsche o filósofo judeu Martin Buber formula a sua “teologia do encontro” (BUBER, 1979. p.xii, xvi, xxx). “O homem encontra Deus através do mundo e o mundo através de Deus; ele encontra a si mesmo

através de Deus e do mundo” (PENZO, 2002. p.197). Essa unificação envolve um encontro relacional entre o homem e Deus com ênfase no sentimento religioso.

A revelação, portanto, não é uma comunicação de verdades dogmáticas sobre Deus (PENZO, 2002. p.199). A revelação é um evento, o advento de uma presença que abre caminho para o encontro (PENZO, 2002. p.199,201). Nesse contexto, o mundo não é algo que se deve abandonar mas ser conhecido e santificado. Pois o homem e o mundo podem ser reatualizados culturalmente (PENZO, 2002. p.199). Esse conceito é importante para o processo de unificação (*yi'hud*), que é o núcleo da redenção messiânica de Buber (PENZO, 2002. p.199). O conceito de um mundo vindouro aplica-se ao atual mundo, como é percebido na forte influência da teologia buberiana nas tentativas de paz no Oriente Médio (PENZO, 2002. p.195, 201).

Assim pode se ver uma característica existencialista marcante nesses pensadores, a ênfase na emoção em detrimento da razão humana, e o sentimento humano e não um ser supremo como determinante da religiosidade.

1.2 RAÍZES DO ESSENCIALISMO ADVENTISTA

Em oposto a teologia existencialista, os adventistas do sétimo dia herdam a filosofia mais essencialista dos reformadores (DEDEREN, 2000. p.96). Os reformadores Martinho Lutero e João Calvino começam a colocar a razão como determinante religioso. Para eles somente a Bíblia deveria ser a regra suprema de vida do homem (CALVIN, 1966. p.36; LUTERO, 1992. vol.3 p.193-196). Ao romperem com a autoridade da Igreja Católica da época, eles afirmavam que a Bíblia deveria ser interpretada racionalmente e individualmente (CALVIN, 1966. p.36; LUTERO, 1992. vol.3 p.121), sem a interferência da igreja ou de filosofias humanas.

Contradizendo os teólogos liberais modernos, influenciados pelo existencialismo, os reformadores Calvino e Lutero acreditavam que a Bíblia era uma revelação divina que poderia ser compreendida pelo homem. Essa compreensão era feita primariamente através da razão. A importância da razão para Calvino é notada. Em sua obra *Institutas da religião cristã*, ele gasta seu primeiro volume discorrendo acerca do conhecimento, a razão que apreende o divino através da Bíblia.

Ele afirma que esse conhecimento racional de Deus via escritura sagrada determina a natureza humana e é fundamental para o cristão (CALVIN, 1966. p.37,38). Pois para Calvino “é evidente que o homem nunca conseguirá um conhecimento verdadeiro de si mesmo até que tenha previamente contemplado a face de Deus” através

da Bíblia (CALVIN, 1966. p.38). Assim, a antropologia e a teologia eram interligadas de forma inseparável (CALVIN, 1966. p.37; LUTERO, 1992. vol.3 p.195).

Os reformadores criam, no entanto, que a natureza humana após Adão e Eva está corrompida pelo pecado e por isso, os seus sentimentos, apenas, não devem ser o determinante religioso e da verdade (CALVIN, 1966. p.36,38,40; LUTERO, 1992. vol.3 p.196). Pelo contrário, a emoção humana é uma tentativa frustrada de determinar o que é verdade sem a influência do divino através do conhecimento bíblico (CALVIN, 1966. p.36-38,41; LUTERO, 1992. vol.3 p.195). Não que eles rejeitem a experiência do crente (CALVIN, 1966. p.41-43, 58; LUTERO, 1992. vol.3 p.96,97), mas a ênfase e a primazia estão na racionalidade divina.

Assim também os adventistas do sétimo dia entendem que a Bíblia é o determinante religioso, acima da experiência humana (DEDEREN, 2002. p.42). No adventismo o intelectual é colocado acima do emocional em contraste com a teologia existencial. O cristianismo à luz do adventismo é baseado inteiramente na Bíblia e nela somente. Mais que uma experiência, a revelação é uma base espiritual e racional da fé e do relacionamento para com Deus. Essa importância é percebida em sua primeira crença fundamental: as escrituras sagradas.¹

A Igreja Adventista do Sétimo Dia entende que o mundo foi criado perfeito por Deus e o homem feito à imagem da divindade. Essa imagem determina a essência humana.² Mas com a desobediência dos primeiros seres humanos, Adão e Eva, o pecado afetou a criação de Deus e trouxe a morte (DEDEREN, 2002. p.253,254). O que era antes perfeito, agora tornou ruim. O homem pecador é essencialmente mal (DEDEREN, 2002. p.214-217, 246). Portanto se faz necessária a intervenção divina para transformar o que é ruim em bom. O ápice dessa intervenção está no evento da morte na cruz de Jesus, o Deus que se tornou homem (DEDEREN, 2002. p.258).

Os adventistas pregam que quando o pecador acredita que a morte de Jesus substituiu sua morte, uma transformação começa a acontecer no homem (DEDEREN, 2002. p.292). Mas a completa mudança do mundo mal só ocorrerá quando Jesus voltar do Céu, onde está agora, para a Terra (DEDEREN, 2002. p.283). Esse evento marcará o

¹ **Seventh-day adventist believe...**Hagerstown: Revie w and Herald publishing association. 1988 p. 4-15
Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira. 2006. p. 9

² Para uma discussão mais detalhada sobre o relacionamento entre criação (protologia) e volta de Jesus (escatologia), ver HASEL, Michael. *'No princípio': a relação inseparável entre protologia e escatologia* em: DORNELES, Vanderlei. RODOR, Amin. TIMM, Alberto. **O Futuro-** a visão adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress. 2004. E fora do adventismo: ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

último dia do pecado na terra, pois haverá uma plena transformação do homem que creu em Jesus. A ênfase de sua mensagem é, portanto, salvar o homem de seu estado ruim e preparar-se para uma vida futura.

Por isso, eles acreditam que o cristão pode experimentar nesse mundo o prazer e a alegria da salvação em Cristo com vista da salvação futura. Pois essa alegria só será plena quando Deus os levar para o Céu (DEDEREN, 2002. p.300). Essa é a escatologia adventista, relativa aos últimos dias, que contrasta com o pensamento existencialista (DEDEREN, 2002. p.370,371).

Enquanto os existencialistas enfatizam o aspecto emocional da religião que acaba por eliminar a necessidade de uma esperança futura e metafísica, os adventistas enfatizam a necessidade da salvação futura operado pelo sobrenatural, completando a experiência atual do crente.

1.3 A CULTURA DE MASSA

Para transmitir suas idéias as igrejas cristãs atuais têm usado os meios de comunicação de massa, pois eles alcançam um maior número de pessoas em menor quantidade de tempo. É a cultura de massa que tem sido usada como forma de propagação da fé.

Na sociedade atual, denominada por muitos de pós-modernidade, a sociedade coleta experiências (GRENZ, 1997. p.65,66), dentre elas experiências religiosas. E essas experiências são fugazes. E para atender esse público a religião se tornou industrializada e comercializada (GRENZ, 1997. p.30). Como a espiritualidade possui essa característica de lenitivo, fuga do presente, ela facilmente se adequou às características do meio de comunicação de massa. Tem-se percebido uma predominância no uso da tecnologia e da cultura da massa pelas igrejas cristãs para cativar a atenção dos fiéis (GALINDO, 2004).

A cultura de massa é transmitida pelos meios de comunicação de massa, meios que comunicam a em grande escala. Eles fazem parte da indústria cultural. Essa indústria se apropria dos bens culturais e os industrializa. E como todo produto, ele sofre padronização (ADORNO, 1975. p.173; DEFLEUR, 1983. p.175-177; LIMA, 2002. p.117).

A padronização existe para atender uma demanda de mercado (ADORNO, 1975. p.173; DEFLEUR, 1983. p.175-177; LIMA, 2002. p.117). Pois os bens da indústria cultural são feitos para vender. Assim, todo produto é desenvolvido e fabricado nessa

perspectiva de mercado. E para atingir um maior número de pessoas, e consequentemente aumentar sua venda, a indústria cultural simplifica e padroniza sua produção. Pois no conceito da cultura de massa, a mensagem mais complexa dificulta sua vendabilidade.

Para aumentar seu espectro de alcance ela é simplificada (ECO, 1976. p.40; LIMA, 2002. p.118) e padronizada ao ponto de igualar o consumo entre intelectuais e não-intelectuais. A música é um dos meios culturais afetados por essa padronização (ADORNO, 1974. p.15-17). Aquela música que antes era ouvida apenas por uma classe de pessoas, é ouvida agora por todas as classes sociais (ADORNO, 1974. p.15-18).

Para Theodor W. Adorno essa simplificação característica dos meios de massa fez com que o gosto popular se enfraquecesse. E esse enfraquecimento favorece a emoção em detrimento da razão (ADORNO, 1974. p.19; ADORNO, 1975. p.176), uma característica existencialista. Pois como a emoção é inerente a todos os seres humanos, o apelo ao sentimento é recebido com maior aceitação pela massa (ADORNO, 1975. p.176; LIMA, 2002. p.120). Adorno coloca a música como sendo o meio ideal para essa realização. Afinal, para Adorno a música é a expressão mais ideal dos sentimentos ou instintos humanos (ADORNO, 1975. p.173).

As músicas padronizadas da cultura de massa focalizam o prazer, o momentâneo e agora. E não algo a ser esperado no futuro. Mesmo porque os produtos da indústria cultural são fugazes. Elas são feitas para o *entertainment/amusement* (DEFLEUR, 1983. p. 183). Esse caráter momentâneo inabilita o homem a pensar no todo (ADORNO, 1975. p.176), pois com a tecnologia, e o tempo livre, o homem passa mais tempo com o consumo desses bens culturais como forma de lazer (LIMA, 2002. p.114). O homem usa esse meio como fuga da realidade ruim do mundo, dos problemas do trabalho e da sociedade para um prazer passageiro (DEFLEUR, 1983. p.185).

Uma vez que o meio de comunicação consegue materializar o abstrato, o sonho, o desejo humano, ele é usado para sublimar essa fuga da realidade. Os meios de comunicação de massa então focalizam o agora, o já (DEFLEUR, 1983. p.187-192; ECO, 1976. p.40,59). A indústria cultural se concentra em agradar no presente o consumidor. Com isso ela atende apenas a necessidade superficial do homem. A indústria cultural induz ao sentimento que não pode satisfazer, para criar uma dependência (DEFLEUR, 1983. p.188). Isso gera uma sociedade emotiva que é cega às necessidades reais (ADORNO, 1975. p.176; DEFLEUR, 1983. p.188; ECO, 1976. p.317). Pois coloca a emoção como determinante social em detrimento da razão. E a

pós-modernidade favorece uma sociedade emotiva. Pois é fortemente influenciada pela tecnologia e a indústria cultura (GRENZ, 1997. p.56-66).

Essa sociedade do consumo é advinda do racionalismo e positivismo moderno (OLIVEIRA, 2005. p.80). Alguns viram a cultura tecnicista de forma muito negativa. Um exemplo foi Herbert Marcuse. Influenciado por Hegel, Marx e Freud ele via a tecnologia moderna como alienante (MERQUIOR, 1969. p.10-24). “Marcuse condena a razão tecnológica porque ela exige a separação entre o ego e os instintos” (MERQUIOR, 1969. p.43). Pois a felicidade para ele era a liberação do *eros* (MERQUIOR, 1969. p.46), ou libido social (MERQUIOR, 1969. p.32). A emoção deveria ser realizada.

Isso, a religião imediatista irá realizar com a tecnologia. Pois o cientificismo e a razão positivista negam a escatologia bíblica, um livramento futuro. O neopentecostalismo atualiza e esperança cristã de forma imediata. Assim atinge a necessidade do homem pós-moderno e coaduna com a crença bíblica de um livramento do pecado. Influenciada pela filosofia existencial, o neopentecostalismo é uma adaptação/acomodação da esperança cristã a uma sociedade de consumo (OLIVEIRA, 2005. p.88).

Como a cultura de massa diviniza o humano (ADORNO, 1975. p.180,181; MORIN, 2002. p.106-109), ela mundaniza o divino (CONTRERA, 2006). O neopentecostalismo traz o Deus transcendente cristão para mais perto do homem através de um culto marcado pelos sentidos, pela emoção e pela cultura de massa (OLIVEIRA, 2005. p.85,91,98). E uma das características dessa religiosidade é o forte uso da música *gospel* com ênfase hedonista, no prazer (OLIVEIRA, 2005. p.85). E isso se assemelha bastante à teologia existencial de Buber, Bultmann e outros como visto acima.

Ou seja, como resultado dessa teologia existencial divulgada via cultura de massa, ocorre uma desescatologização da mensagem bíblica. O Jesus que era para voltar e livrar o homem e o mundo do pecado no futuro é trazido para o agora, o já (OLIVEIRA, 2005. p.91,98,107). E isso é feito com apelos emocionais e até eróticos em suas músicas, para retratar o encontro de cura entre o divino e o adorador (OLIVEIRA, 2005. p.99). A ênfase, portanto, não está na palavra de Deus ou na sua compreensão cognitiva, mas na sua experimentação do ser divino pelo homem (OLIVEIRA, 2005. p.108,109). Uma teologia marcadamente existencial.

A escatologia deles será terrena como a de Agostinho e seu reino milenar eclesiástico (OLIVEIRA, 2005. p.109). E seu determinante religioso e do ser é a

emoção em detrimento da razão bíblico-divina. Ao contrário da crença adventista do sétimo dia que enfatiza a razão e o futuro com sua libertação desse mundo de pecado realizada por Jesus.

Em meio a essa religiosidade pós-moderna o CD Jovem é usado pela igreja adventista como meio de difundir sua mensagem. Como produto industrial ele é produzido em grande escala e em série, padronizado como todo bem industrial. Falta saber se como os meios de comunicação de massa, ele tem simplificado a sua mensagem para se adequar ao meio mercadológico da religião. Tendo assim a possibilidade de tornar sua mensagem existencial-desescatológica, como no neopentecostalismo, em contraste com a crença adventista essencial-escatológica. Isso será visto no próximo capítulo onde será feita uma análise dos textos musicais do CD Jovem à luz dos conceitos da cultura de massa.

CAPÍTULO II

EXISTENCIALISMO NA POESIA DA MÚSICA DO CD JOVEM ADVENTISTA

No capítulo anterior vimos que a filosofia existencialista enfatiza o homem e sua experiência como determinante da religiosidade. Enquanto isso o adventismo do sétimo dia baseia sua crença no essencialismo que enfatiza a razão como meio de firmar a religiosidade do indivíduo. A cultura de massa e sua simplificação da mensagem e imediatismo favorecem a filosofia materialista-existencial em detrimento de uma visão escatológica-essencialista.

Como a cultura de massa é usada na propagação de conteúdos religiosos, deve-se investigar se ela tem influenciado o conteúdo do CD Jovem adventista com essas características de enfatizar o presente e o aspecto emotivo ao invés de conteúdos sobre o futuro e a razão da fé cristã. E para identificar a possível existência de tal influência, foi feita uma análise de conteúdo dos cânticos do CD Jovem adventista à luz das características da cultura de massa, tendo em vista esse contraste, existencialismo-emoção e essencialismo-razão.

2.1 ANÁLISE DO CONTEÚDO

O método de análise dos textos musicais do CD Jovem foi a análise de conteúdo. Os conceitos metodológicos aqui usados estão fundamentados principalmente em Lawrence Bardin. Pois Bardin é considerada como uma referência comum e primordial em diversos autores de análise de conteúdo (FONSECA JÚNIOR, 2005. p.280-303). Por isso que seus conceitos são revisados em diversos materiais.

Para Bardin “a característica da análise de conteúdo é a inferência” (1977, p.116). A inferência tem como objetivo trazer informações mais profundas, ou essenciais do próprio texto, construindo uma nova representação semântica (BARDIN, 1977. p.133; MARCUSCHI, 2008. p.249; BAUER, 2007. p.192). Isso ocorre porque a linguagem é um signo artificial, ou produzido por um emissor intencional, no caso o homem. E uma atenção mais detida (a inferência), pode extrair da comunicação mais que um olhar superficial (ECO, 1973. p.32).

Essa intencionalidade atribui significado à linguagem no contexto do que foi dito (ANTUNES, 2005. p.126). Esses signos lingüísticos num texto representam um objeto,

acontecimento ou crença existente e real para o emissor (ECO, 1973. p.34). Essa crença poderá ser desvendada ou compreendida através da compreensão dos seus elementos unificadores, ou palavras codificadoras (ANTUNES, 2005. p. 126). É através desses codificadores lingüísticos que as inferências podem ser feitas.

“As inferências funcionam como hipóteses coesivas para o leitor processar o texto” (MARCUSCHI, 2008. p.249). Assim, a inferência da análise de conteúdo serve de metodologia importante para identificar qual crença ou filosofia às músicas do CD Jovem estão transmitindo.

A inferência é uma interpretação controlada do texto (BARDIN, 1977. p.133), a partir de codificadores claros (BARDIN, 1977. p.95). E para aplicar esses conceitos em um objeto, Bardin enumera alguns passos. Os passos para uma análise são: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e referência (comparação com fundamentação teórica) (BARDIN, 1977. p.95). No primeiro passo, a pré-análise ou escolha dos documentos, o analista deve submeter o objeto da pesquisa às hipóteses e objetivos na elaboração de codificadores (BARDIN, 1977. p.95).

Codificadores são os elementos que caracterizam cada ideologia tendo como referência unidades de registro e unidades de contexto. Das cinco unidades de registros descritos por Bardin, três são relevantes para nosso trabalho: palavras-chaves (unidade perceptível, sintáticas); tema (núcleo de sentido/ unidade semântica) e objeto ou referente (BARDIN, 1977. p.105,106; BAUER, 2007. p.192). A partir da definição dos codificadores, o analista deve considerar algumas regras para elaborar categorias de conteúdo, e classificar as respectivas músicas. As regras de enumeração dos codificadores usados aqui foram: a) ausências ou presença de elementos; b) frequência e c) intensidade (BARDIN, 1977. p.108).

Após a definição das unidades de registro, a unidade de contexto servirá para codificar a unidade de registro, pois “suas dimensões (superiores às unidades de registro) são ótimas (sic) para que se possa compreender a significação exacta (sic) da unidade de registro” (BARDIN, 1977. p.107). Pois muitas vezes as unidades de registro mudam de sentido dependendo do contexto. E as palavras-chaves, para determinados conceitos, devem ser entendidas e definidas em suas dimensões mais amplas (BARDIN, 1977. p.107). Na análise da poesia do CD Jovem esse conceito é importante porque duas categorias são muito semelhantes, e sua diferenciação pode afetar o resultado final.

Assim, na unidade de contexto, a escolha dos documentos deve-se considerar: a escolha do universo relevante à hipótese, a exaustividade (não se pode deixar de fora

nenhum elemento da categorização) e representatividade (em caso de pesquisa por amostragem) (BARDIN, 1977. p. 97-99; BAUER, 2007. p.196). E as análises podem ser quantitativas ou qualitativas.

2.2 DESENVOLVIMENTO DO TEMA E ANÁLISE

Seguindo os passos apontados acima, será descrito como foi feito à análise da poesia das músicas do CD Jovem. Após uma pré-análise do maior número de elementos possíveis, recomendada por Bardin, as músicas foram classificadas em três principais categorias e duas secundárias. Essas categorias foram elaboradas com base nos elementos das filosofias contrastantes do existencialismo-emoção e essencialismo-razão. Pois esses são temas eixos pesquisados em redor do quais os discursos se organizam (BARDIN, 1977. p.106). Foram analisadas todas as músicas dos anos 1995 a 2007, pois na pré-análise quanto maior o corpus melhor os dados levantados (BARDIN, 1977. p.99).

Os codificadores selecionados foram relevantes à hipótese e aos objetivos, como determinados por Bardin (1977, p.95). Ao analisar as letras, o que determinou sua categoria foi o aspecto predominante (frequência de elementos codificadores) na música, visto que em muitas delas existe um misto.

As categorias são abaixo explicadas, lembrando que a categorização “tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 1977. p.119) e a partir delas apontar tendências. Assim as categorias são: mutuamente excludentes, homogêneas e estão associadas ao grau de pertinência da pesquisa (BARDIN, 1977. p.120).

a. Escatológica

Os códigos-palavras presentes que caracterizam a poesia das músicas classificadas escatológicas são verbos no futuro e adjetivos pejorativos aos elementos terrenos. Os códigos de palavras ausentes são substantivos que denotam emoção, e quando presentes essa emoção e prazer, são ligados ao futuro e ao céu. Os códigos de frase mostram desprezo pelo presente e esperança no futuro. A música *Quase no lar* (2001) é um exemplo dessa categoria.

*Estamos quase no lar, quase no lar
Falta pouco tempo, pra esse dia chegar
Estamos quase no lar, quase no lar
Com Jesus viveremos, nas mansões celestiais*

Na unidade de registro temática essas músicas enfatizam o futuro, a esperança e alegria de salvação futura na volta de Jesus. Elas contrastam a maldade do mundo presente com a beleza do mundo vindouro como em *Pés na terra e olhos no céu* (2005).

*Um novo dia surgirá quando Jesus aqui voltar
Todo o pranto findará, só alegria haverá
Não mais tristeza, não mais a dor, lá reinará o amor
Finalmente verei e adorarei o meu Rei e meu Salvador*

Normalmente a escatologia das músicas não está desassociada da soteriologia (doutrina sobre a salvação) adventista e a pregação da volta de Jesus. Mas a ênfase, ou a predominância dos elementos, não está na pregação da mensagem nem no prazer presente, mas na expectativa desse evento ocorrer. Como por exemplo, a música *Eu só quero estar onde estás* (1995) que por causa do elemento da salvação presente possui elementos da categoria existencial (como o substantivo *presença* e verbos no presente e imperativos), mas a predominância está no futuro encontro com Jesus. Por isso, como explicado acima, é importante identificar o elemento contextual para determinar qual a categorização dos elementos predominantes, como predito por Bardin.

*Eu só quero estar onde estás,
E viver em Tua presença.
Ver a Tua face e o adorar,
Junto a Ti eu quero estar.
Eu só quero estar onde estás.
Onde tudo é para sempre.
Leva-me pra este lugar,
Pois eu quero ali morar*

b. Soteriológica – missiológica

Na unidade de registro temática, a poesia dessas músicas enfatiza o prazer do mundo vindouro com a volta de Jesus que pode ser experimentado um pouco hoje pela alegria da salvação *em* Cristo. Isso porque a soteriologia adventista está associada à escatologia. Mas a ênfase dessas músicas é na salvação em Cristo e não no prazer aqui no mundo como em *Senhor somos tua voz* (2004).

*Para este tempo, para esta situação
Fomos escolhidos pra cumprirmos a missão
Vamos pelo mundo proclamando sem cessar
Que em breve Cristo, voltará pra nos buscar*

Normalmente essas letras também falam do dever do crente em proclamar para outras pessoas essa mensagem de salvação do mundo de pecado. Os códigos-palavras

que as caracterizam são verbos no tempo presente, mas que enfatiza a missão presente para ir ao céu no futuro. Os verbos atingem a outros, e não são verbos reflexivos. No código de frase a busca do homem retratada nessas músicas é uma decisão motivada pelo amor de Cristo e a maldade do pecado. Um exemplo é a música *Sou de Jesus* (2006).

*Sou de Jesus, o Senhor da vitória
O alimento a vida, Rocha eterna da salvação
Seu amor me atraiu, deu-me paz e alegria
Eu já fiz minha escolha: Sou de Jesus
Decidi testemunhar mesmo em forte provação
Rejeitando pela fé o pecado e seu sabor
No caminho de Jesus estarei sempre seguro
E assim, eu prossigo rumo ao Céu.*

E ainda há músicas que não apresentam elementos missiológicos, como verbos proclamatórios (pregar, anunciar, falar, testemunhar), mas como mescla elementos de salvação (perdão, amor, cruz, sangue) e volta de Jesus (céu, lar, glória) foram classificadas nessa categoria. Como é o caso da música *Sou feliz com Jesus* (1996) e *Rocha eterna* (1999) citadas abaixo respectivamente.

*Jesus meu Senhor ao morrer sobre a cruz
Livrou-me da culpa e do mal
Salvou-me Jesus, Oh mercê sem igual!
Sou feliz e hoje vivo na luz
A vinda eu anseio do meu Salvador
Em breve virá me buscar
Então lá no céu vou pra sempre morar
Com remidos, na luz do Senhor*

*Nem trabalho nem penar pode alguém aqui salvar
Mas só tu meu bom Jesus, pode dar-me vida e luz
Peço-te perdão Senhor pois confio em Teu amor
Eis que vem a morte atrás, desta vida tão fulgaz
Quando ao lar do céu subir e teu rosto em glória vir
Rocha eterna que prazer eu terei de em Ti viver*

c. Soteriológica - existencial

As poesias classificadas nessa categoria falam da salvação e libertação. Ao contrário da categoria acima, as músicas classificadas como soteriológica-existencial enfatiza a libertação ocorrendo “agora”, descreve o prazer da vida no mundo presente e no encontro com Deus hoje. Nessas músicas as emoções e estado de espírito é que regem a busca do homem a Deus. Os códigos-palavras estão no presente. Adjetivos e

substantivos com conotação emotiva (alegria, braços, abraço, encontro, euforia) recheiam as letras dessas músicas. E o aspecto racional da fé é descartado.

Mostradas respectivamente abaixo, pode-se notar que na música *A única saída* (1996) a emotividade é que motiva o crente a buscar Jesus, e em *Sempre confiante* (2006) a razão e o futuro é considerado como sem valor num relacionamento com a divindade.

*Os problemas e as tristezas não vão mais te dominar
Muita paz e segurança em Jesus tu vais achar
Pela estrada deste mundo Ele vai te esperar
E ao mostrar-te a saída vai sorrir e te abraçar*

*O que vai no futuro eu não sei
O caminho que vou passar
Mas sei que Ele sempre vai me guiar
E sei que seguro estarei*

Nos códigos de frase dessa categoria é comum a presença de frases imperativas, pedindo para que o divino habite o corpo num encontro com o homem. A música *Tempo de refrigério* (1999) mostra esses elementos.

*Vem refrigera-me em Tua presença
Não há maior benção do que andar contigo
Minh'alma restaura, renova minha vida
Estar em Tua graça é mais que euforia*

Mas é bom lembrar que as mensagens da poesia das músicas adventistas não vão ter uma desescatologia tão forte como o existencialismo-materialista sugere. Inclusive algumas poesias classificadas como existencial até possuem elementos escatológicos. Mas como a ênfase é no presente encontro com Deus, ela entra nessa categoria, como é o caso de *Nos braços de Jesus* (1996).

*Hoje aqui meu Jesus me tomou em Seus braços
E senti o calor do Espírito Santo
Vou em paz pois o meu Deus ao meu lado vai ficar
E em breve Sua face eu verei, lá no céu (2x)*

d. Outras

Litúrgica – poesias com ênfase na adoração a Deus e agradecimento pela salvação recebida. Códigos-palavras como louvor, cantar, gratidão, são muito usadas. Na esfera temática há também um sentido de entrega, como no culto de Israel quando a

dedicação fazia parte da liturgia no templo com agradecimentos e louvores. *Unidos em Cristo* (1995) é uma dessas músicas.

*Santo é o nome do Senhor,
Ele é digno de todo o louvor.
Em adoração erguemos nossas mãos.
E unidos em Cristo,
Juntos em Cristo,
Damos glória ao nome do Senhor. (3x)*

Fraternal – enfatiza a amizade. Os códigos-palavras giram em torno de sentimentos e relacionamento de amigos como saudade, abraço e aperto de mão. Elas podem ser relacionadas com o conceito existencialista pois muitas vezes as poesias retratam a interação do homem com Deus na base do relacionamento eu-amigo, o que lembra a teologia existencialista do encontro de Martin Buber. Exemplos dessa categoria são as músicas *Momentos* (2001) e *Despedida* (2000), respectivamente citadas em parte abaixo.

*Momentos felizes passamos, momentos tão lindos não
dá pra esquecer
Momentos que em paz conversamos e juntos cantamos
com todo prazer
Momentos de amor e alegria, momentos de muita
emoção
Momentos que compartilhamos e agora lembramos da
nossa canção!*

*A saudade é grande antes mesmo de partir
Tantos sentimentos, é difícil resistir
Lágrimas e abraços nos ajudam compreender
Como vai ser bom com Cristo ali viver*

2.3 DADOS E CONCLUSÕES PARCIAIS

Após a pré-análise os números encontrados foram: 21 (16,5%) músicas com ênfase escatológica, 34 (26,5%) com ênfase soteriológica-missiológica, 41 (32%) enfatizando elementos soteriológico-existenciais, 23 (18%) classificadas como litúrgicas e nove (7%) fraternais, totalizando 128 músicas.

As músicas classificadas como existenciais somam quase 50% a mais que o número das músicas da categoria escatológica (ver gráfico 1). E lembrando que os conceitos existenciais do encontro e do presente são enfatizados na categoria fraternal, pode-se facilmente agregar as músicas fraternais para uma melhor dicotomia entre

músicas que enfatizam o existencialismo-desescatológico e o essencialismo-escatológico.

Juntas, fraternais e soteriológicas-existenciais (50 músicas), elas resultam em 39% do total das músicas produzidas de 1995 a 2007. Quando somados ainda as músicas soteriológicas-missiológicas que possuem também um aspecto presente e existencial, o número sobe para 84 contra 21 que enfatiza a volta de Jesus. Isso seria quatro vezes mais. Todas essas análises são superficiais como a pré-análise que Bardin propõe. E essa primeira análise serve para apontar tendências iniciais para a análise posterior.

Gráfico 1 – Número total das músicas classificadas na pré-análise

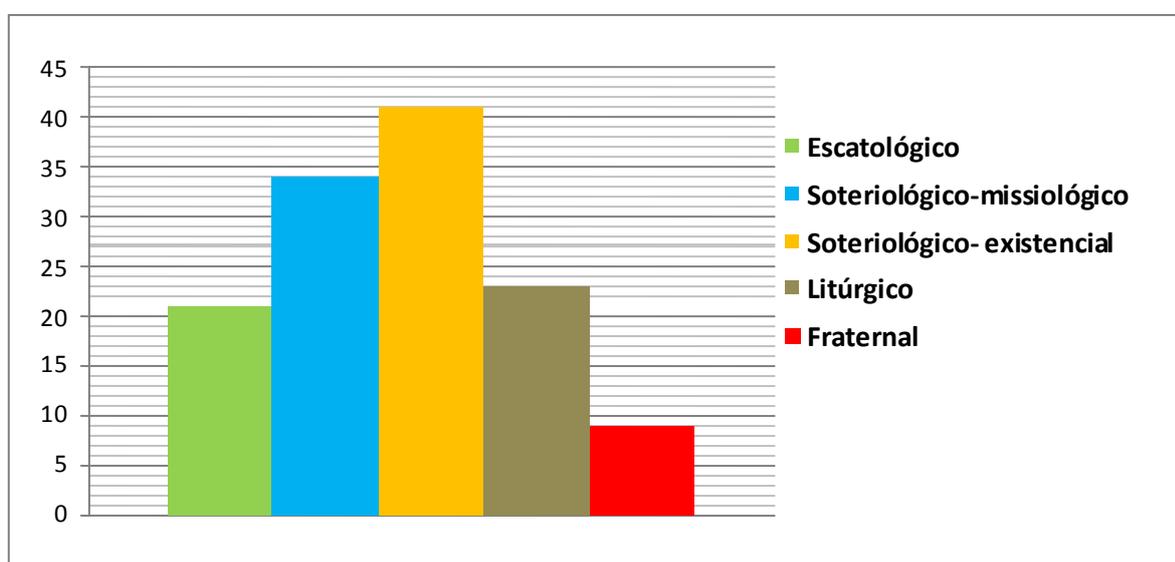


Gráfico 2 – Número da categoria escatológica e curva de progressão anual

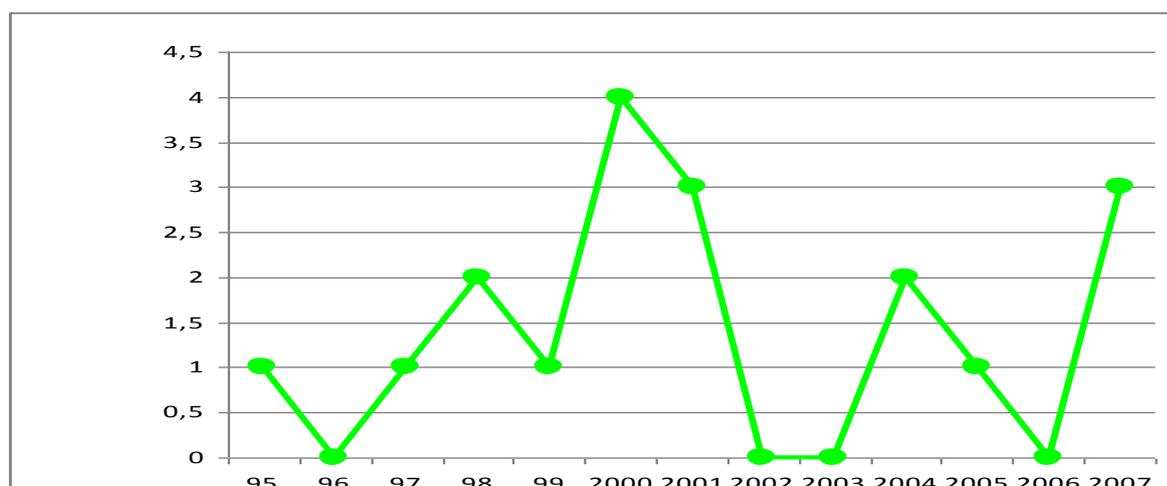
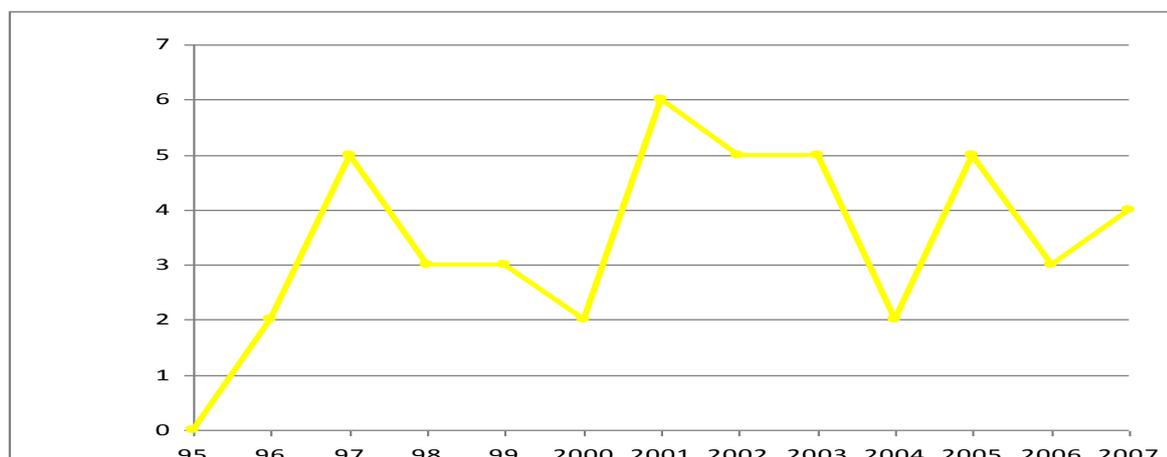


Gráfico 3 – Número da categoria existencial e curva de progressão anual



Outro dado relevante para a problemática levantada sobre qual filosofia é enfatizada nos cânticos jovens adventistas, é sua progressão (ver Gráfico 2 e 3). De forma geral podem ser percebidas duas curvas de tendências, uma curva ascendente das músicas classificadas como existenciais-soteriológicas e outra descendente das escatológicas. Principalmente do ano 2000 até 2007 essas curvas são mais notáveis. Justamente nesse período surgem as músicas fraternais que mantêm uma frequência nos anos subsequentes enquanto que por três anos (2002, 2003 e 2006) canções escatológicas não aparecem.

Após essa pré-análise e a determinação dos codificadores foram feitos alguns recortes e analisadas todas as músicas mais detalhada e profundamente. Essa análise mais detida alterou um pouco os dados iniciais, porém não fugiram muito das conclusões iniciais da pré-análise conforme previsto por Bardin (1977, p.96).

2.3.1 Músicas temas

O primeiro recorte realizado foi o das músicas temas, porque elas tendem a comunicar a mensagem central do CD Jovem. A escolha segue o padrão de representatividade, homogeneidade e pertinência (BARDIN, 1977. p.97,98).

Nesse recorte, sendo uma música tema por CD, o total delas são 12, pois a música do ano de 1995 é repetida em 1996. Elas foram classificadas em três escatológicas, sete soteriológicas-missiológicas e duas soteriológicas-existenciais. Temos assim um aumento no número da categoria escatológica, comparado com o número da pré-análise, totalizando 25% agora e 16,5% anteriormente. E outra mudança significativa foi o aumento de poesias classificadas como soteriológicas (existenciais e missiológicas) de 58,5% na pré-análise para 75% nessa delimitação.

Nessa nova análise há um predomínio de mensagens soteriológicas-missiológicas (58,5%), com um aumento significativo comparado com os números da pré-análise (26,5%). Mas se colocarmos apenas escatológicas e existenciais juntas, elas estão em aparente igualdade, três e duas músicas respectivamente. Isso pode sugerir uma negação à problemática levantada no início do trabalho.

Visto que duas categorias (fraternal e litúrgica) não apareceram nessa delimitação, e a notável discrepância dos números comparados a pré-análise, deve-se questionar se essa delimitação é confiável. Mesmo assim, um dado alcançado com essa delimitação é relevante à problemática levantada. Em nenhum momento nessa delimitação das músicas temas as poesias com ênfase escatológica sobressaem muito às com poesias classificadas como existências, o que pode sugerir a confirmação da hipótese levantada. Mesmo assim, até essa etapa nenhuma conclusão definitiva pôde ser alcançada.

2.3.2 Últimos oito anos

Outro recorte feito foi de 2000 em diante pois, foi justamente nesse ano que as cinco categorias apareceram juntas pela primeira vez (ver Gráfico 4) e é a partir daqui que se podem ver curvas que sugerem uma confirmação da hipótese do trabalho.

Após a análise das 83 músicas do ano 2000 a 2007 nota-se que as músicas consideradas escatológicas (15,5%) são metade das classificadas como existenciais (38,5%). As conceituadas como missiológicas (19,5%), litúrgicas (17%) e fraternais (9,5%) completam o quadro. Um dado relevante é que considerando os números de cada CD separadamente, vemos que cinco dos oito CDs predominam músicas com ênfase existencial. E que por três vezes há CDs que não possuem músicas classificadas como escatológicas (2002, 2003 e 2006) enquanto que a categoria existencial está presente em todos os anos e a fraternal só está ausente em um ano (2002).

Outro dado importante é que em quatro dos oito CDs a presença de músicas classificadas como existencial é quase metade das músicas do CD, com cinco ou seis músicas de nove ou 10 no total. Visto que o CD tem sua “validade” e impacto anual, a sua influência é ainda maior nessa perspectiva.

2.3.3 Todas as músicas

Após uma análise completa de todas as músicas os dados são os seguintes:

Gráfico 4 – Todas as músicas analisadas distribuídas por ano

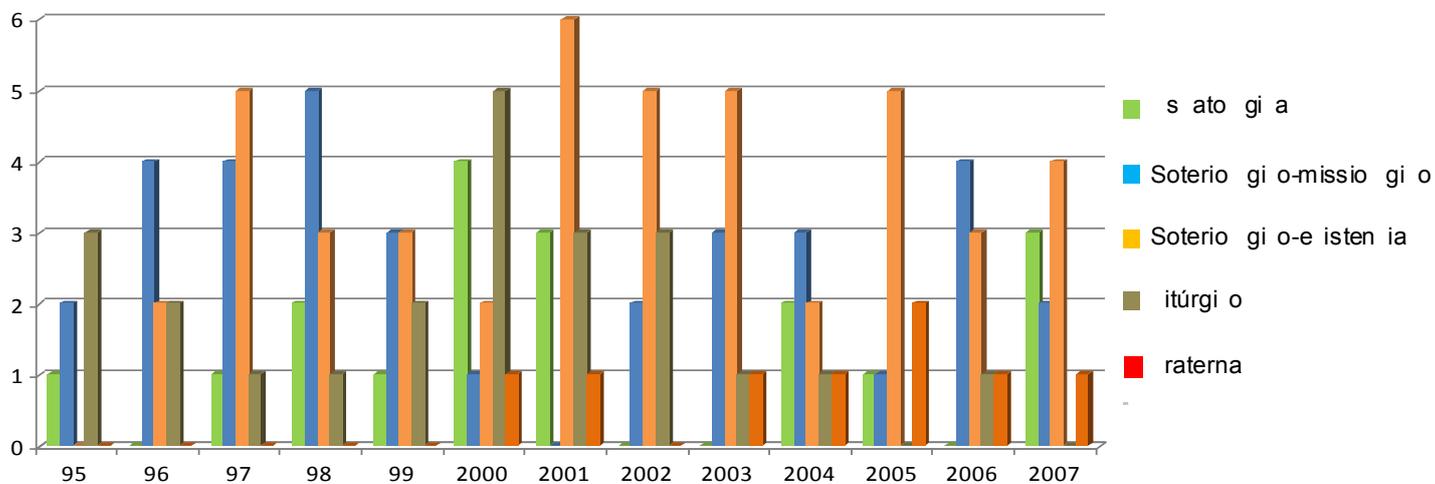
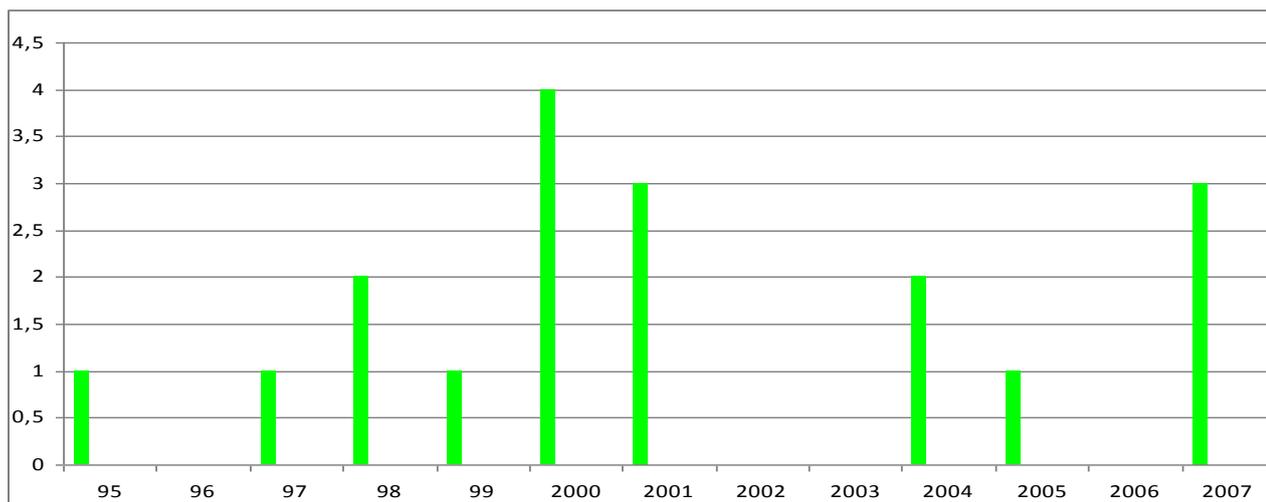
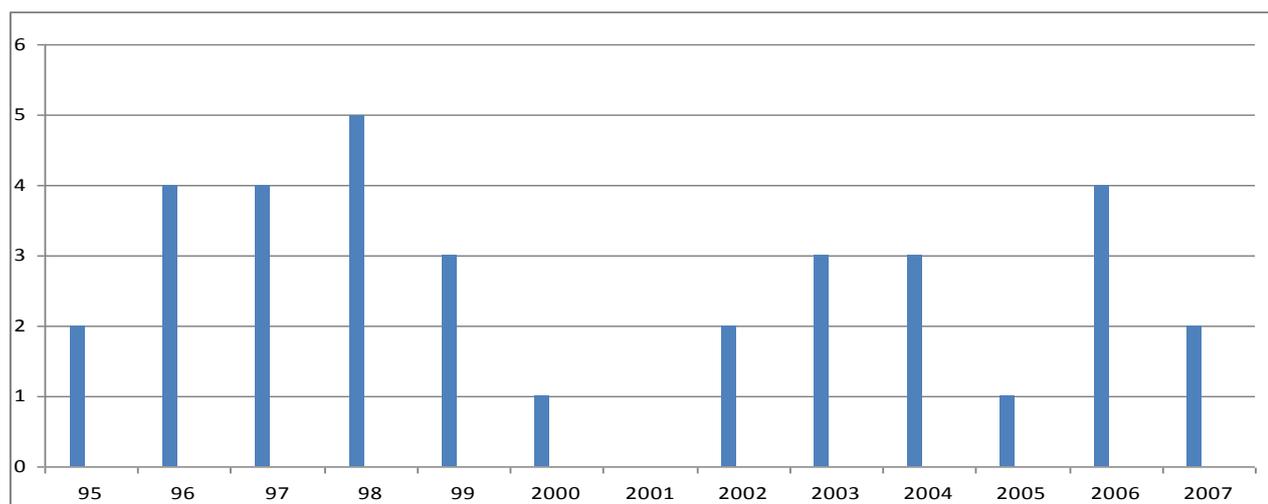


Gráfico 5 – Todas as músicas classificadas por categoria em progressão anual

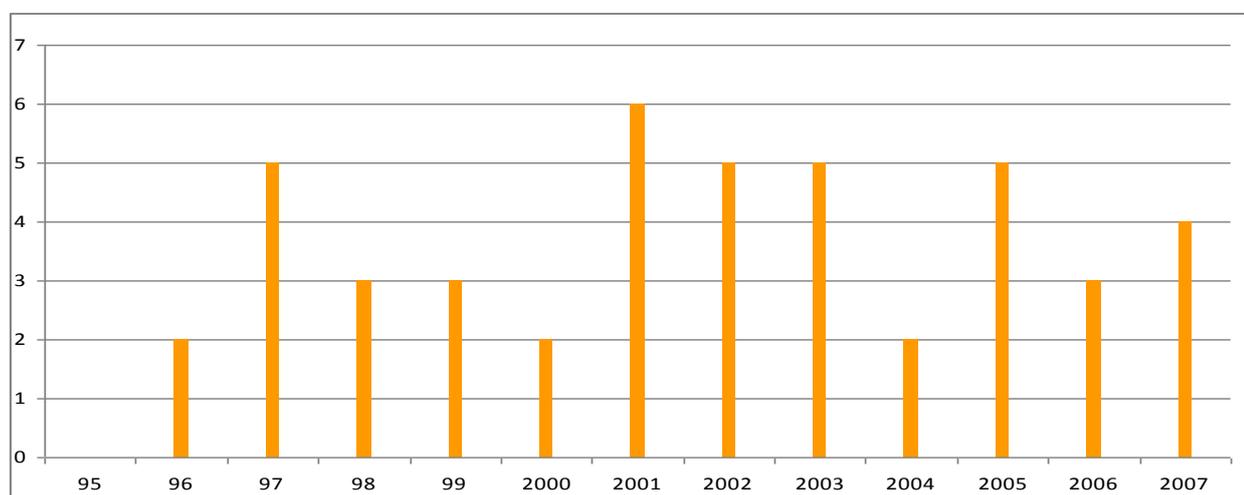
Escatológica



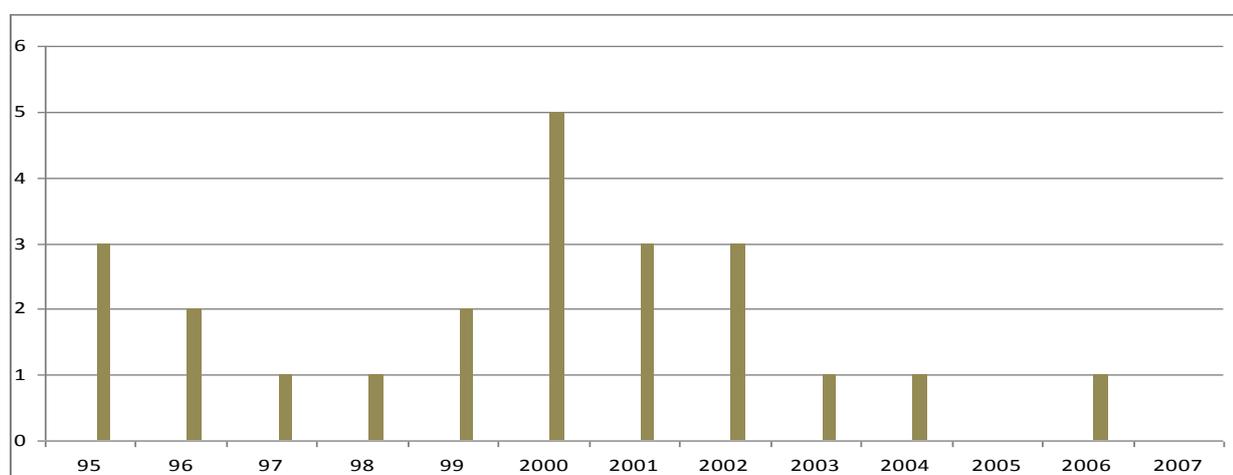
Soteriológica - missiológica



Soteriológica-existencial



Litúrgica



Fraternal

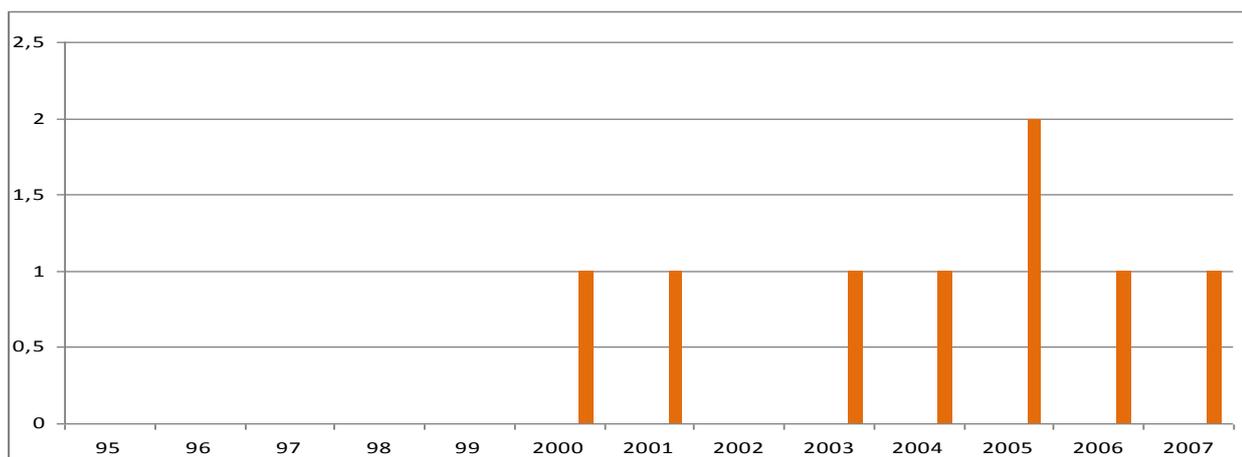
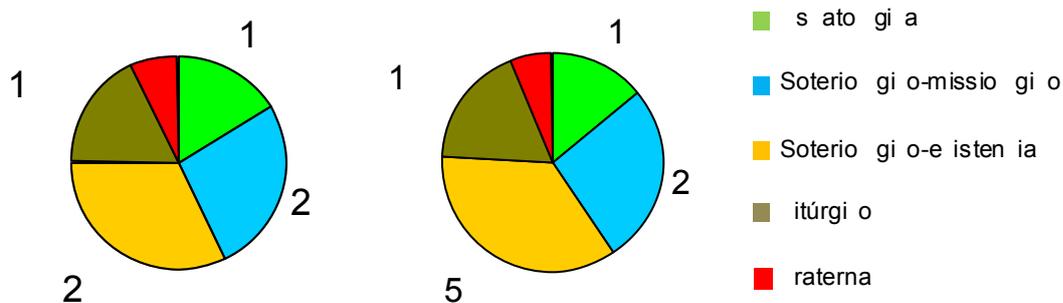


Gráfico 6 – Porcentagem das músicas da pré-análise (esq.) e da análise detalhada



Os números mudaram pouco após a análise mais detalhada, o que demonstra que a amostra é fiel. Essas mudanças são normais visto que a pré-análise é apenas uma pesquisa mais superficial para elaborar as categorias. As mudanças percebidas nessa amostra é um aumento das poesias musicais classificadas como existenciais e uma diminuição da categoria escatológica, o que confirma a hipótese.

As poesias classificadas escatológicas diminuíram de 21 para 18 enquanto que as classificadas existenciais subiram de 41 para 45. Isso porque a categoria soteriológica possui as duas vertentes em sua mensagem, elementos escatológicos (missiológicos) e elementos existenciais, como detalhada acima. No decorrer da análise algumas mudaram da categoria escatológica da pré-análise para categoria missiológica e outras antes consideradas dessa categoria foram classificadas como existenciais.

Essa mudança aconteceu pelo critério de predominância dos elementos descrito por Bardin que na pré-análise não foi detectada. Houve também a passagem de uma fraternal para existencial, o que é comum, visto a semelhança de seus componentes

temáticos. Esses números, posteriores a pré-análise, são mais fiéis e revelam algumas coisas relevantes à hipótese levantada.

As poesias classificadas como existenciais são mais que o dobro das encontradas na categoria escatológica e somam mais de um terço de toda produção musical (ver Gráfico 6 - direita). Se somarmos a essa categoria as poesias classificadas como fraternais, que possuem semelhança de conteúdo com as classificadas existenciais, elas seriam 41%. Isso resultaria em quase quatro músicas por ano num CD que tem uma média de dez músicas por ano. Considerando que seis dos 13 CDs analisados possuem mais músicas existenciais, a influência da filosofia existencial no CD Jovem pode ser notada.

Outra informação que vai de acordo com o dado anterior é que as poesias classificadas como fraternais surgem em 2000. E levando em conta o aumento de músicas existenciais desde 2000 e o declínio das músicas escatológicas nesse mesmo período, pode-se afirmar que a influência existencial é sutil, mas presente (ver Gráfico 4 e 5).

Isso pode ser notado quando se percebe que em quatro CDs as músicas escatológicas estão ausentes (1996, 2002, 2003 e 2006) enquanto que as existenciais somente não estão presentes no primeiro CD em 1995. Outro dado importante é a ênfase que as poesias musicais classificadas como soteriológicas-missiológicas demonstram. Visto que essa categoria é um misto entre o contraste presente-futuro e emoção-razão, sua ênfase pode aumentar o destaque existencial ou balancear com uma ênfase mais escatológica. Das 34 músicas classificadas como missiológicas, 24 enfatizam a volta de Jesus e o futuro enquanto que dez focam mais o presente. Esse último número pode equilibrar a balança entre existencialismo-desescatológico e essencialismo-escatológico no CD Jovem.

Outra perspectiva que foi considerada é se as músicas fraternais tinham elementos escatológicos em suas músicas. Das oito músicas com ênfase na amizade, apenas uma possui elementos suficiente para ter uma tendência mais escatologia que existencial.

Assim, se classificarmos de forma mais geral todas as músicas somente na ênfase escatológica e existencial teremos 43 escatológicas (considerando a fraternal com elementos escatológicos) e 62 existenciais. As litúrgicas não entram nessa classificação por ser de caráter bem distinto. Assim, com base nesse último número, aproximadamente 48,5% do total de músicas seriam de ênfase existencial enquanto que

aproximadamente 33,5% apresentariam uma ênfase escatológica em sua poesia. Se excluirmos as músicas consideradas litúrgicas do número total dessa porcentagem, esse número saltaria para 59% delas com conteúdo mais existencial contra 41% de conteúdo mais escatológico.

Seja qual for o cálculo ou o recorte, as músicas que possuem poesias classificadas como existencial-desescatológico estão sempre em maioria no CD Jovem. Isso está de acordo a hipótese levantada no início do trabalho e com o historiador adventista do sétimo dia Alberto R. Timm que afirma que desde a década de 70 o adventismo tem enfrentado uma influência pós-moderna na sua mensagem, principalmente em sua escatologia (TIMM, 2004. 290; TIMM, 2007. p.11).

CAPÍTULO III

A IMAGEM COMO MEIO DE ADORAÇÃO

Através dos números do capítulo anterior a tendência dos cânticos se tornarem existenciais através do uso de uma mídia de massa como o CD Jovem é sutil, porém visível. Esse apelo à emoção é uma característica da cultura de massa e da sociedade do espetáculo. E uma das características dessa cultura da mídia é o uso da imagem. Visto que nessa produção midiática religiosa adventista em conjunto com as poesias das músicas há também imagens, é importante saber se o conteúdo dessas imagens está de acordo com a tendência detectada acima, confirmando ainda mais a hipótese.

Nesse capítulo foi feita uma categorização das imagens dos vídeo-clipes e slides de cada música. Como essas imagens servem para conduzir a congregação no louvor, elas também constituem parte integrante da transmissão da mensagem do CD Jovem. As classificações das imagens seguiram a metodologia do capítulo anterior tendo as mesmas categorias como referências. Isso não quer dizer que serão as mesmas, mas a permanência dos conceitos do existencialismo-desescatológico e essencialismo-escatológico são consideradas, pois são temas centrais e relevantes na problemática do trabalho.

Antes da descrição da análise das imagens, é importante saber como a imagem afeta o conteúdo de uma produção musical, principalmente relacionado a conteúdos religiosos. Ao saber como a imagem influenciou a mensagem cristã na história, podemos traçar parâmetros para identificar as tendências e influências que o CD Jovem adventista está sofrendo ou não.

3.1 A IMAGEM E O EXISTENCIALISMO NA RELIGIÃO

Alberto Klein, em *Imagens de culto e imagens da mídia* (2006a), mostra a regressão e progressão do uso da imagem no cristianismo e seus resultados na sua liturgia. A imagem foi rapidamente associada à liturgia cristã, mas em contrapartida os iconoclastas do século VIII a XIX eram contra a associação da imagem no culto. Esse movimento contra imagens teve seu maior expoente e influência na Reforma Protestante (KLEIN, 2006a. p.22). Os protestantes elevaram a razão e a racionalidade da palavra à

textolatria. A Bíblia, e não os santos, passou a ser o centro do culto protestante. (KLEIN, 2006a. p.222).

Mas no século XX a imagem ressurgiu influenciando a religião via cultura de massa. A cultura de massa atual é de predominância do visual (JUNIOR, 2005). O recurso visual é o mais usado para apelar ao consumidor. Pois a imagem possui a facilidade de ser rapidamente reconhecida e assimilada, sem muita reflexão (ADORNO, 1974. p.19; ADORNO, 1975. p.176). Essa é uma das características da cultura de massa do século XX identificadas por Morin (1999, p.24,25). Pois como a emoção é inerente a todos os seres humanos, o apelo ao sentimento é recebido com mais facilidade pela massa (ADORNO, 1975. p.176; LIMA, 2002. p.120).

Essa emotividade instigada pela imagem tem sido usada de forma a criar uma sociedade do espetáculo, como descrita por Guy Debord (2007). Nessa sociedade a verdade é determinada pelo espetáculo, que é mediada principalmente pela imagem (DEBORD, 2007. p.14,16). Essa determinação abarca todos os níveis sociais e áreas de conhecimento. A religião principalmente é influenciada por esse fenômeno espetacular, pois ela tem que apelar para esse recurso para sobreviver (DEBORD, 2007. p.39), visto que a cultura de massa espetacular domina a tudo (DEBORD, 2007. p.13).

As conseqüências é que “tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação”, uma ficção da realidade (DEBORD, 2007. p.13). Essa ficção criada é uma tentativa humana de suprir sua necessidade religiosa. “O espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa” (DEBORD, 2007. p.19). Mas essa nova roupagem tecnológica irá modificar profundamente a experiência do sagrado.

Esse uso da imagem pelo homem para comunicar, cria o movimento de iconofagia descrito por Junior (2005). A proliferação exacerbada de imagem na sociedade faz com que seu consumo seja exagerado e as próprias imagens “comam” os homens e seus meios de comunicação, assim como moldem seu estilo de vida (JUNIOR, 2005. p.94-7).

A conseqüência do aumento da comunicação bidimensional (televisiva) é a diminuição da comunicação tridimensional (pessoal). O problema desse fenômeno descrito por Junior numa linguagem de alimentação (fagia, comer) mostra que a alimentação comunicacional bidimensional não sustenta o ser humano porque ela não possui elementos necessários para uma comunicação sadia (JUNIOR, 2005. p.96). Isso ocorre porque as imagens nessa comunicação são sem corpo, o que gera uma carência afetiva como predita por Morin e outros (DEFLEUR, 1983. p.188). O “consumo” pós-

moderno atual (até no termo a cultura da imagem capitalista se apropria da iconofagia) é de símbolos, marcas, grifes, e ficam no signo de abstração (JUNIOR, 2005. p.96).

Nessa carência afetiva surge a religião como meio de suprir essa necessidade pós-moderna (DEBORD, 2007. p.39; GRENZ, 1997. p.65,66). Como o homem é um ser carente do transcendente, o consumo religioso via mídia é certo. E o que a televisão proporciona torna-se um mero processo de vício (CONTRERA, 2006. p.118). A imagem televisiva é um ótimo meio para suprir a carência ao imitar a revelação transcendente de diversas formas como a comunicação iluminada descrita por Eliade (1979), e a fuga do tempo presente para o tempo ideal da televisão (transcendente e onipresente) (CONTRERA, 2006. p.112).

Todos os detalhes desse mecanismo da entrada da religião na mídia foram descrito detalhadamente em Contrera (2006) e não precisamos elaborar aqui por não ser nosso propósito. Mas suas conclusões são relevantes, ao constatar que nessa simbiose mídia-religião, ocorreu um processo de dessacralização da religião e sacralização da mídia (CONTRERA, 2006), o que é uma característica do existencialismo.

Os objetos sagrados agora são os meios. O iconoclasticismo protestante agora recria a imagem, mas agora a imagem é do pregador e do culto (KLEIN, 2006a. p.22). “Aí reside a inversão de um movimento, a mídia criada pelo homem agora recria o próprio homem” (KLEIN, 2006a. p.223). Pois como McLuhan formulou (o meio é a mensagem), o meio acaba por moldar o seu usuário (1964. p.21). Assim a religião midiática favorece uma comunicação totalmente existencial, passageira e rápida (KLEIN, 2006b. p.122) que não consegue suprir esse desejo transcendente e duradouro (CONTRERA, 2006. p.118).

Ressurge a idolatria no cristianismo protestante e sua secularização (KLEIN, 2006a) Essa midiatização da sociedade é muito forte e hoje ela está profundamente mergulhada na imagem. Portanto só em usar a imagem, já existe um favorecimento da mensagem ser existencial (CONTRERA, 2006; KLEIN, 2006a). Mas é importante analisar o conteúdo dessas imagens para ver se essa influência existencialista na comunicação adventista se concretiza.

3.2 ANÁLISE DAS IMAGENS DO CD JOVEM

Como as músicas do CD Jovem desde 2004 vêm acompanhadas de imagens tanto em formato de vídeo (imagens em movimento) como em slides (com imagens estáticas), achamos por bem analisarmos as duas formas. De acordo com Bardin,

imagens também podem ser classificadas como texto comunicativo passível de categorização. Assim, a mesma metodologia pode ser usada para classificar as imagens do CD Jovem como mencionada no capítulo interior. Porém, ao invés de utilizarmos as quatro categorias do capítulo anterior, fizemos algumas mudanças para melhor adequação da problemática do trabalho.

As categorias existenciais e fraternais foram unidas por serem semelhantes em conteúdo. A categoria litúrgica foi removida por não se achar semelhança entre os elementos conceituais enumerados anteriormente e as imagens analisadas. Se alguma imagem lembrasse conceitos litúrgicos em contexto de adoração como oração, elas foram relacionadas facilmente ao aspecto da salvação como abaixo descrito. E visto que muitas imagens são retratos da natureza ou meramente ilustrativas incluímos uma categoria inexistente anteriormente. As categorias das imagens são: escatológicas, existenciais-fraternais, soteriológicas-missiológicas e natureza-ilustrativas. Elas são descritas abaixo detalhadamente.

a. Escatológico

As imagens consideradas como escatológicas tanto em vídeo quanto em slides são de pessoas olhando para cima dando idéia de futuro e volta de Jesus (*Queremos ver Jesus voltar*, 2004 – com poesia “queremos ver, queremos ver, Cristo voltando em glória pra nos buscar”); desenhos de Jesus voltando; em vídeo, pessoas morrendo, com fome, que contrasta a maldade do presente mundo com a esperança de melhoria no céu; imagens de lugares e objetos luxuosos como carro, casa, castelos, algumas vezes são usadas em conexão com a poesia para ilustrar a transitoriedade do mundo presente e com certo desprezo por elas. Isoladas, essas últimas poderiam ser consideradas existenciais, mas no contexto, se tornam escatológicas como no caso do vídeo da música *Pode cair o mundo...estou em paz* (2007) que traz um castelo, um carro luxuoso com a letra “a glória dessa terra é passageira”.

Uma observação deve ser feita. As imagens que retratam somente as nuvens, o céu, por mais ligadas que estejam a uma poesia falando da esperança da volta de Jesus, não é ideal relacioná-la imediatamente ao conceito escatológico no CD Jovem, porque esse tipo de imagem é usado frequentemente em relação a poesias de diversos conteúdos. Assim seu significado escatológico acaba se esvaziando.

b. Soteriológica – missiológica

As imagens dessa categoria lembram conceitos de salvação cristã, como cruz, oração, estudo da Bíblia e divulgação da mensagem cristã numa ajuda ao próximo ou

através de uma pregação. Assim normalmente são pessoas com Bíblia na mão, dando idéia de um estudo bíblico; pessoas orando, pregando; pessoas sendo ajudadas a apanhar compras caídas no chão (*Senhor, somos Tua voz* de 2004 com a poesia “vem Senhor, usar a nossa vida”), ou em outro quadro, em um hospital, quando uma mão de uma doente está parada no leito e chega outra mão e massageia a mão da doente (*Descobrimo amigos* de 2007 junto com a poesia “se a gente coloca o amor em ação”); também imagens da cruz e do rosto de Jesus por serem associadas à mensagem de salvação. Porém essa última merece uma análise do seu contexto.

Algumas vezes, a figura do rosto de Jesus está unida a elementos da natureza, o que merece uma análise cuidadosa. O rosto de Jesus relacionado, por exemplo, com a luz do sol (*Tu és*, 2004), o rosto numa Bíblia em meio a uma cachoeira (*Nossa inspiração*, 2004) ou com uma águia no céu (*Amigos pra sempre*, 2004), pode transmitir um conceito de imanência panteística, o que sugere existencialismo. Assim, elas foram caracterizadas na categoria seguinte. Tirando essa semelhança, nessa análise das imagens não existe uma mistura de conceitos entre essa categoria e a categoria que retrata elementos da escatologia ou do existencialismo como ocorreu no capítulo anterior com as poesias.

c. Existencial – fraternal

As imagens dessa categoria foram associadas aos conceitos relacional e presente, como relacionamento e diversão entre amigos. Imagens com pessoas juntas, conversando, andando juntos, sorrindo para câmera e crianças brincando fazem parte dessa categoria. Todas essas imagens retratam momentos fraternais e são facilmente relacionadas ao existencialismo como conceituado no primeiro capítulo.

Imagens de Jesus abraçando pessoas (*Amigos pra sempre*, 2004), figura com o rosto de Jesus relacionando elementos da natureza como águia, e cachoeira ou quando a poesia é existencial, como esclarecido acima na categoria anterior também fazem parte dessa classificação. Outras imagens que surgem nessa categoria são imagens de coração (*Ser amigo* de 2005 com a poesia “é deixar falar a voz do coração”), e pessoas preocupadas trabalhando sem o contexto do conceito escatológico de desprezo pelo presente mundo.

d. Natureza-ilustrativa

Nessa categoria as imagens que a caracterizam são cenas da natureza, barco, carro na estrada, locomotiva andando, em algumas aparecem pessoas, mas,

insignificantes para caracterizá-la como fraternal pois, são apenas detalhes na composição da imagem.

Algumas imagens consideradas ilustrativas podem sugerir um existencialismo por apelar à emoção e está ligado a poesias de amizade. Como é o caso de *Descobrendo amigos* (2007) que usa em diversas imagens filhotes de animais como cachorro e gato juntos, se abraçando. Além disso, imagens de natureza usadas de forma excessiva em contextos da mensagem sobre o Espírito Santo e a habitação da divindade podem sugerir conceitos como o panteísmo ligado a filosofias existenciais.

3.3 DADOS E CONCLUSÕES PARCIAIS

3.3.1 Análise dos slides

Após a análise dos slides os números obtidos foram os seguintes: das 37 músicas de 2004 a 2007 foram produzidos 943 slides. Eles foram distribuídos em 40 slides relacionados a conceitos escatológicos (4,25%), 40 relacionados à mensagem soteriológica- missiológica (4,25%), 71 (7,5%) slides possuem características que lembram conceitos classificados como existencial-fraternal, e 792 (84%) consideradas imagens da natureza ou ilustrativas.

Gráfico 7 – Porcentagem dos slides do CD Jovem

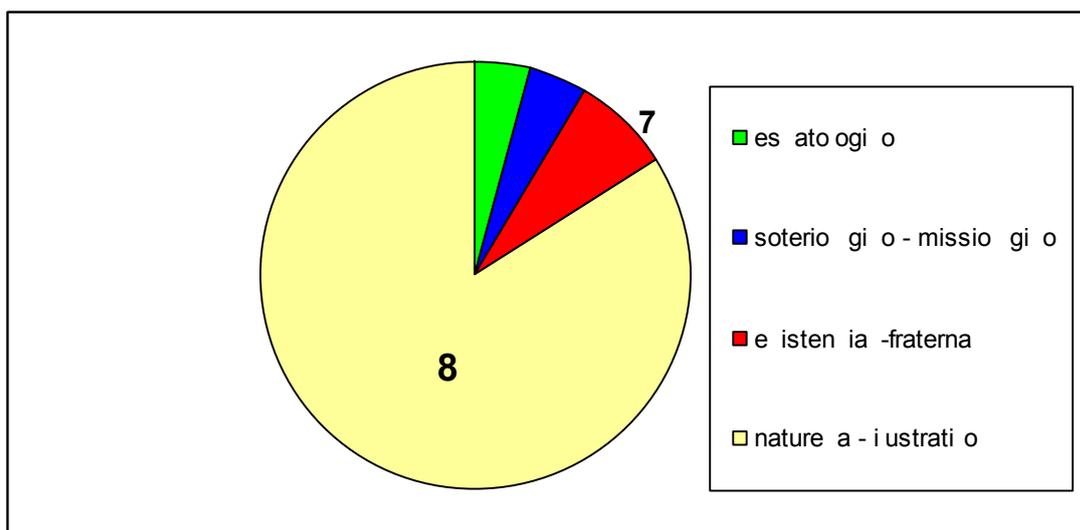
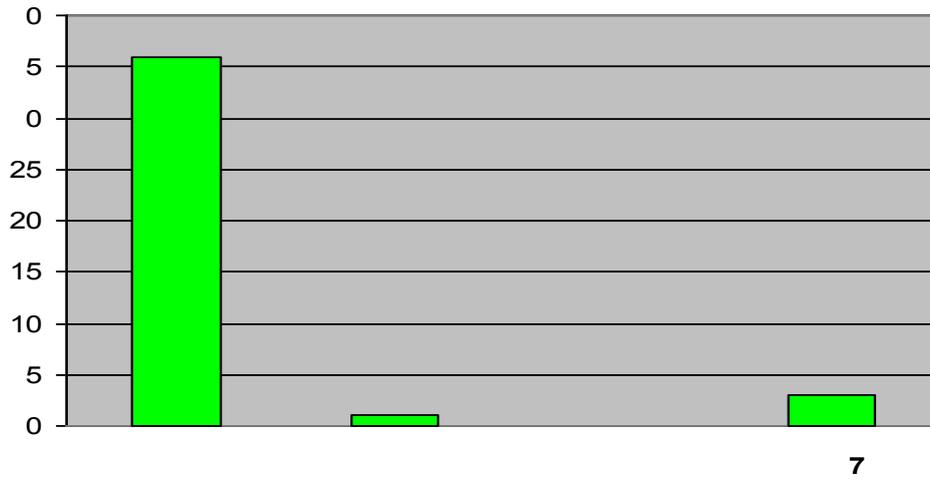
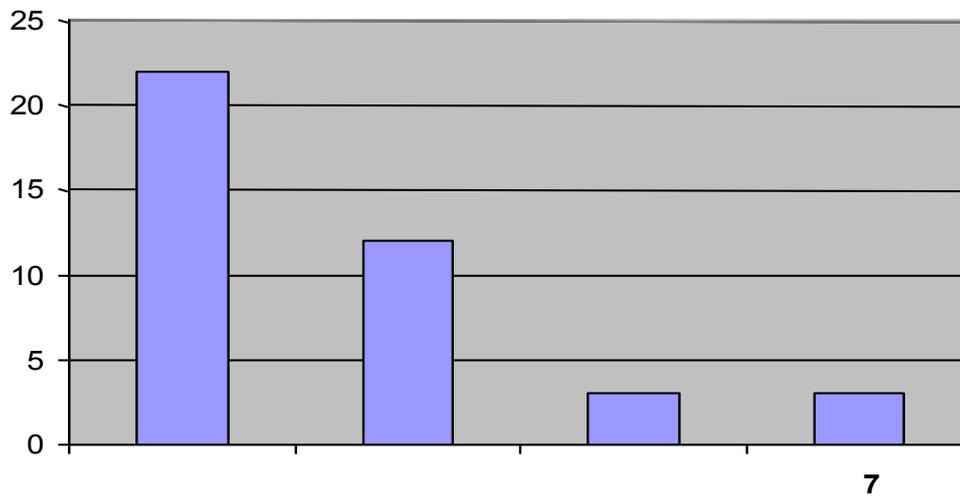


Gráfico 8 – Todos os slides classificados por categoria em progressão anual

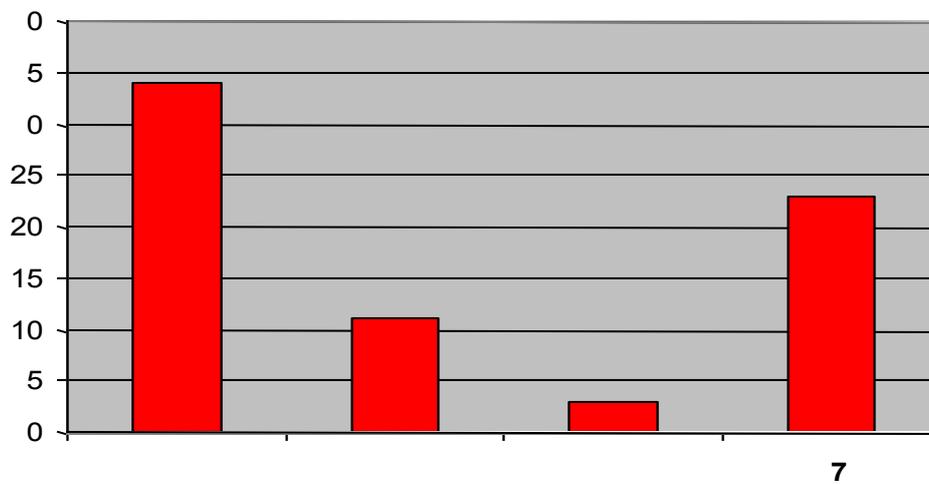
Escatológicas



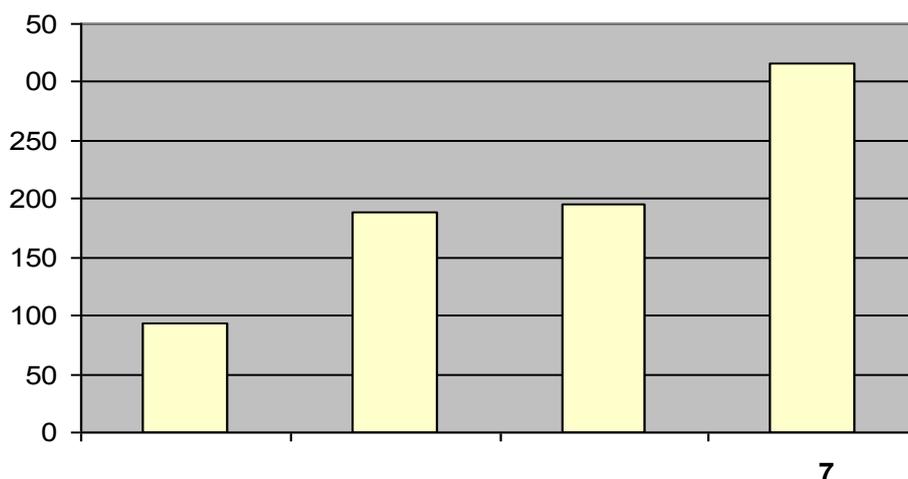
Soteriológico-missiológico



Existencial- fraternal



Natureza-ilustrativa



Os slides classificados como existencial-fraternais são quase o dobro do total classificado como escatológico e soteriológico-missiológico, ou seja, é o total da soma das duas. Mas se comparado com a categoria natureza-ilustrativa esse número é mais que treze vezes menor. Se colocarmos numa distribuição por música, os slides com conotação existencial estariam presentes em média em dois slides por música. As escatológicas numa média de um slide por música em conjunto com os soteriológicas-missiológicas. Enquanto isso, as ilustrativas estariam presentes em todas as músicas, com uma média de 21 slides. Levando em conta que a média é de 25,5 slides por música nesses quatro anos, a presença da última categoria é muito grande e quase torna a influência das outras categorias irrelevantes.

Mas outro dado relevante à pesquisa é o de que quando se analisa os números por ano (gráfico 8), percebe-se que as imagens classificadas como escatológicas estão ausentes em 2006. E no período de 2004 a 2007 há uma queda bem acentuada de 36 slides em 2004 (19,5% do total do ano) para um slide em 2005 (0,5%) e três em 2007 (1%). Os números da categoria existencial-fraternal também sofrem uma queda no período de 2004 a 2006. De 34 slides em 2004 (18%) diminuem para três slides em 2006 (1,5%). Mas em 2007 esse número sobe um pouco (23 slides ou 6,5%). Esse número pode parecer uma ascensão, mas se comparado com o início do período, ainda representa uma queda. Essa diminuição não é tão acentuada como a que ocorreu na categoria escatológica.

Ao comparar essas quedas com os números da classificação ilustrativa é notável a diferença. A presença de slides considerados natureza-ilustrativas mais que duplicou

de 2004 para 2005 e mais que triplicou de 2004 para 2007. Houve um salto de 93 slides em 2004 para 315 slides em 2007. Ao constatar que o número total de slides subiu no decorrer do ano, a sua influência, comparada com as outras categorias, é muito superior.

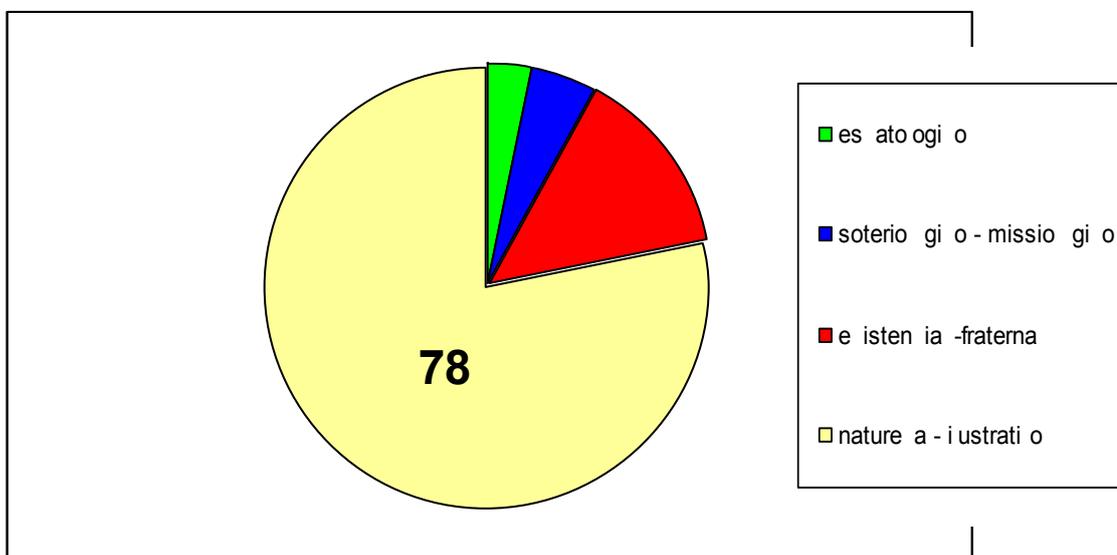
Uma conclusão parcial é a de que as imagens em formato de slides, se consideradas como nas categorias acima, são irrelevantes para a nossa pesquisa, considerando a quantidade de slides ilustrativos. Talvez uma análise semiótica mais detida da união da letra com as imagens da natureza possa mostrar algum resultado.

3.3.2 Análise dos vídeos

No caso das imagens em formato de vídeo, é importante lembrar que ao classificá-las, a situação de fusão de imagens foi considerada como um mesmo quadro, assim como duas imagens juntas (uma ao lado da outra num mesmo quadro), a menos que mudasse a sua classificação.

Os números obtidos após a classificação de 974 quadros são: 761 (78%) classificadas como natureza-ilustrativa; 47 (5%) como soteriológico-missiológico; 134 (14%) como fraternal-existencial e 32 (3%) como escatológico.

Gráfico 9 – Porcentagem dos vídeos do CD Jovem



Quando analisados isoladamente por ano, percebe-se que a categoria escatológica só aparece em 2007, enquanto a categoria natureza-ilustrativa está em todos os anos. O ano de 2006 contém apenas esse tipo de imagem. As imagens soteriológico-missiológicas tiveram um aumento, entre 2004 e 2007, de três para 25 quadros, o que representa um salto de participação anual de 1,5% para 7%. As consideradas fraternais-existenciais não estão presentes em 2004 e 2006. E sua queda

entre 2005 e 2007 foi de 101 quadros para 33, ou de 38% para 9,5% anualmente. Imagens consideradas como escatológicas aparecem apenas em 2007, estando 28 dos 32 quadros numa só música: *Pode cair o mundo... estou em paz*.

Apesar dessa queda do número de imagens consideradas existenciais e do aparecimento de imagens com conteúdo classificado como escatológico, os dados mostram que a primeira categoria totaliza mais de quatro vezes as de conteúdo escatológico. Lembrando que algumas imagens classificadas como escatológicas poderiam, sem a poesia, facilmente ser associadas a riquezas presentes e conceitos existenciais, isso aumentaria ainda mais a possível influência existencial nas composições do DVD do CD Jovem.

Isso pode ser notado em algumas músicas de 2005, onde os cantores que gravaram o vocal são protagonistas de muitas cenas no estúdio de gravação. Imagens sem nenhuma relação com o conteúdo são usadas para preencher o fundo. Como visto na introdução desse capítulo, as igrejas cristãs ao usar a imagem de forma excessiva em sua liturgia, tornaram os símbolos ligados ao sagrado sem sentido (JUNIOR, 2005. p.95-96), pois a inflação do visual gera uma crise de visibilidade fazendo com que o homem não enxergue mais o significado por trás da comunicação visual.

O processo de secularização do sagrado que isso acarreta, descrito por Contrera (2006) e outros, pode ser notado na música tema desse respectivo ano citado acima, *Fiel a toda prova*, onde um dos cantores se torna protagonista de um romance. A fidelidade a Deus transmitida pela poesia da música é retratada agora em vídeo como fidelidade num namoro. Essa mudança de conceito pode ser relacionada tanto à teologia do encontro de Buber, como à influência existencial detectada por Oliveira (2005) nas músicas neopentecostais.

3.4 CONSIDERAÇÕES

Quando comparados aos slides, os números da análise dos vídeos demonstram essa possível influência existencialista. Enquanto que as imagens consideradas escatológicas diminuem de aproximadamente 4% nos slides para 3% nos vídeos, as imagens consideradas existenciais sobem de 7,5% para 14%.

Mas assim como nos slides, a influência dessas categorias nos vídeos analisados é minimizada pelo grande volume de imagens da natureza. Apesar de haver uma ligeira diferença na porcentagem da categoria natureza-ilustrativa presente nos slides comparados com a porcentagem nos vídeos, em conjunto, as duas produções do CD

Jovem se utilizam de uma média de 80% de imagens da natureza. Isso pode sugerir certa relação com conceitos panteístas, onde a natureza é relacionada com o sagrado (PENZO, 2002. p.197). Isso é uma característica do processo de secularização do divino apontado por alguns (CONTRERA, 2006; STEFANI, 2002. p.184).

Diante desses números, pode-se inferir uma sutil influência da cultura de massa no CD Jovem, que acaba por simplificar a mensagem adventista. Essa simplificação da mensagem torna seu conteúdo mais existencial e suscetível à mundanização da religiosidade, vista nas religiões pós-modernas como o neopentecostalismo. Essa influência é sutil, pois não é tão grande quanto à detectada em outras igrejas.

E pelo uso inapropriado do departamento de comunicação da igreja adventista do recurso áudio-visual para propagar a mensagem, pode-se inferir uma influência pequena da cultura de massa no adventismo do sétimo dia. Embora pareça leve, tal influência existe e não pode ser subestimada.

Conclusão

Quem poderia apostar que o relógio mudaria o mundo da civilização? E quanto mais a escrita? O próprio Gutemberg, um católico fervoroso, não apostaria que sua invenção poderia ser usada de forma poderosa contra a igreja. Mas isso ocorreu. Em sua obra *Tecnopólio - a rendição da cultura à tecnologia* (1994), Neil Postman mostra como a tecnologia foi modificando a sociedade em vários momentos da história.

Através da premissa de que a tecnologia é um ciclo onde o homem cria o meio e o meio cria o homem, ele afirma que até as crenças mais fundamentais como a verdade e a realidade são mudadas com a tecnologia (1994, p.18). Por exemplo, a invenção do relógio por monges beneditinos entre os séculos XII e XIII possibilitou ao homem a controlar melhor às atividades do dia, como as sete orações obrigatórias dos mosteiros. Mas “o relógio foi além das paredes do mosteiro, levando uma nova e precisa regularidade à vida do trabalhador e do mercador” que tornou possível o capitalismo (1994, p.24).

E a imprensa do alemão católico romano foi usada por outro alemão, um monge, que se voltou contra o poder papal e colocou a Bíblia nas mãos do povo. A religião cristã nunca mais seria a mesma (1994, p.25). O cristianismo estava também sendo influenciado pelos meios de comunicação de massa. Como foi descrito na introdução e no terceiro capítulo deste trabalho, à medida que o cristianismo foi se modificando seus meios de transmissão de conteúdo, sua mensagem também foi modificando.

Na Idade Média o catolicismo usava imagens iconográficas, sem a presença da escrita bíblica e sua liturgia era realizada numa língua estranha ao público. Essa comunicação litúrgica mostrava um Deus transcendente. Com a Reforma Protestante a Bíblia foi usada na língua do povo, assim como as músicas. Os cultos tornaram-se mais pessoais, transmitindo a idéia de um Deus mais imanente. Essa imanência fez com que os cultos pentecostais começassem a apelar para o emotivo.

Os neopentecostais que herdaram esse método de liturgia mais imanente, apelando à emoção, buscam no seu contexto tecnológico a mídia audiovisual para não perder seu lugar na pós-modernidade. Pois na sociedade do espetáculo tudo é midiaticizado pelo recurso da imagem. E o uso extensivo da mídia de massa visual super-enfatiza a emoção. Assim como “profetizado” por vários filósofos, a geração se tornaria escrava de sua invenção. O meio mudaria a mensagem e o seu autor.

A mídia usada pela igreja cristã a tem tornado mais secular, justamente o oposto de seu propósito. Estudos como o de Oliveira e Pires (2005), Klein (2006a) e Contrera (2006) mostram que o cristianismo ao se entregar ao uso da mídia de massa tem se tornado super-emotivo, existencial e mundano. Isso é uma descaracterização do cristianismo, ou seja, ao invés da igreja modificar os padrões seculares, o mundo é que tem modificado a igreja. E os adventistas do sétimo dia também têm enfrentado essa nova onda da religiosidade pós-moderna que tem secularizado o sagrado.

Para responder como essa influência pós-moderna está afetando a Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, parti do mesmo pressuposto de Postman e dos filósofos da comunicação da escola de Frankfurt, que o meio afeta o conteúdo. Como o conteúdo adventista é escatológico-essencialista, onde a razão bíblica é enfatizada, em detrimento de uma emotividade que gera uma desescatologia-existencialista, a igreja estaria correndo risco de perder sua identidade ao usar os meios de comunicação de massa.

E os números desse trabalho mostram que tal influência já pode ser percebida. Quando classificamos de forma mais geral todas as poesias musicais produzidas desde o início em 1995 até 2007, percebemos que a ênfase existencial está presente em 59% delas contra 41% de conteúdo mais escatológico. Isso tirando as músicas classificadas como litúrgicas que a princípio não são relevantes para a pesquisa. Apesar de ser menor que o esperado, e que o detectado em pesquisas com os neopentecostais, essa presença existencialista na mensagem adventista deve ser olhada com cuidado.

Quando adicionamos os resultados da análise dos vídeos essa preocupação se torna mais evidente. Músicas com poesias que retratam fidelidade a Deus são traduzidas em um relacionamento apaixonante de um casal de namorados. A relação Deus-homem se transforma numa novela jovem. Como Postman sugere, os autores normalmente não entendem o impacto que suas invenções podem causar (1994, p.25). E creio ser esse o caso da produção musical jovem adventista.

Mas ao detectar que cerca de 80% das imagens usadas para comunicar a mensagem no CD Jovem é ilustrativa, isso revela que a produção adventista é mal projetada. Pois não consegue produzir uma mídia capaz de unir texto e imagem. Isso a torna ineficiente para transmitir a mensagem da poesia. E quando essa união é tentada ela é mal sucedida e influenciada pelo existencialismo pós-moderno. Talvez por isso a presença de um roteiro romanceado para traduzir um conceito de fidelidade entre Deus e o crente.

Mas não seria essa pequena ênfase existencialista nas poesias uma oportunidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia alcançar os pós-modernos? Como esse trabalho estudou apenas a influência do meio na mensagem e possivelmente na sociedade, é importante verificar o impacto que essas músicas causa nos ouvintes e assim fechar o ciclo da comunicação, onde o meio modela a mensagem que por sua vez modela o homem. Nesse trabalho nos atemos apenas à primeira parte. Mas a partir desse primeiro passo já podemos prever alguns impactos.

Após o CD *Jovem* e suas mídias audiovisual para serem usadas como auxílio na liturgia adventista, surgiram o ministério de louvor *Está Escrito* e as projeções da coletânea de músicas do *Hinário Adventista*. Apesar de não termos dados concretos ainda, podemos afirmar que o recurso áudio-visual de massa veio para ficar na Igreja Adventista do Sétimo Dia. A produção midiática Adventista só cresce em quantidade. CDs e DVDs, estudos bíblicos em vídeo, são produzidos cada vez mais para atender uma comunidade que espera esse tipo de produto.

Mas qual o impacto que isso tem gerado na comunidade adventista? Se levarmos em consideração o que Adorno afirmava quanto à cultura de massa (1974. p.19; 1975. p.176), essa onda de midiaticizar o estilo de vida adventista tende a enfraquecer o conteúdo de sua mensagem e criar uma geração que não reflete nas razões de sua existência e de suas origens, que no caso do adventismo é profético-escatológicas.

Ao mesmo tempo, a proposta de Gene Edward Veith Jr. (1994) deve ser considerada. Em sua avaliação da pós-modernidade e o cristianismo, ele propõe que “a igreja poderá ter de apelar às emoções das pessoas, mas logo deverá ensiná-las a pensar bíblicamente” (1994. p.219). Ou seja, a igreja não pode rejeitar a pós-modernidade e a cultura de massa, pois se fizer isso possivelmente não sobreviverá.

O que ela deve fazer é usá-la com cuidado. E para tanto, é necessário uma produção midiática bem planejada por comunicadores comprometidos com a mensagem adventista. E mesmo ao usar a mídia de massa, principalmente os recursos áudio-visuais, eles devem ser apenas um meio de atrair a um formato mais racional e bíblico. Talvez esse seja o desafio mais notável que essa comunidade cristã deverá enfrentar nesse século. E sua resposta poderá mudar completamente o rumo de sua identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. **Filosofia da nova música**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- _____. “O fetichismo na música e a regressão da audição”. IN: **Os pensadores** – textos escolhidos de Walter Benjamim, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. São Paulo: Editora Abril, 1975.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras** – coesão e coerência. São Paulo: Parábola editorial, 2005.
- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BAUER, Martin W. “Análise de ruído e música como dados sociais”. IN: BAUER, Martin. GASKELL, George. (editores) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007. p. 365-389.
- _____. “Análise de conteúdo clássica: uma revisão”. IN: BAUER, Martin. GASKELL, George. (editores) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 189-217.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. 2.a edição revista. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- CALVIN, John. **Institutes of the christian religion**. Grand Rapids, MI: WM B. Eerdmans Publishing Company, 1966.
- CLEMENTS, Keith. **Friedrich Schleiermacher** - pioneer of modern theology. Minneapolis: Fortress Press, 1991.
- CONTRERA, Malena Segura. “A dessacralização do mundo e a sacralização da mídia – consumo imaginário televisual, mecanismos projetivos e a busca da experiência comum”. IN: JUNIOR, Norval Baitello. GUIMARÃES, Luciano. MENEZES, José Eugênio de Oliveira. PAIERO, Denise. (orgs.) **Os símbolos vivem mais que os homens** – ensaio de comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume editora, 2006 (CISC – Centro interdisciplinar de semiótica da cultura e da mídia). p.107-120.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** – comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- DEDEREN, Rauol. (org.) **Handbook of seventh-day adventist theology**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2002.

- DEFLEUR, Melvin. **Teorias de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1968.
- DOCKERY, David S. **Hermenêutica contemporânea – à luz da igreja primitiva**. São Paulo: Editora Vida, 2005.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- _____. **O signo**. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- _____. **Ferreiros e alquimistas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- “EXISTENCIALISMO”. IN: **Enciclopédia Mirador**. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1982. 20 volumes. vol.9 pág 4459-4461
- GALINDO, Pires. “Religião, mídia e entretenimento: o culto ‘tecnofun’”. IN: **Estudos de Religião**, revista semestral de estudos e pesquisa em religião da UEMESP, São Bernardo do Campo, SP. Ano XVIII nº 26, 24-52, jan/jun. 2004. p.24-52
- GRENZ, Stanley. **Pós-modernismo**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.
- GULLEY, Norman R. **Systematic theology – prolegomena**. Berrie Springs, MI: Andrew Press, 2002.
- HASEL, Michael. “‘No princípio’: a relação inseparável entre protologia e escatologia”. IN: TIMM, Alberto R. RODOR, Amin A. DORNELES, Vanderlei. (editores) **O futuro – a visão adventista dos últimos acontecimentos**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2004. p.15-26
- HIGUET, Etienne A. (org.) **Teologia e modernidade**. São Paulo: Fonte editorial, 2005.
- JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. “Análise de conteúdo”. IN: BARROS, Antônio. DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2005. p.280-303.
- JUNIOR, Norval Baitello. **A era da iconofagia – ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. **Pneumatology – the Holy Spirit in ecumenical, international, and contextual prospective**. Grand Rapids, MI: Baker Academics, 2002.
- KLEIN, Alberto. **Imagens de culto e imagens da mídia – interferências midiáticas no cenário religioso**. São Paulo: Editora Sulina, 2006a.
- _____. “O sagrado em videoteipe – deslocamento televisivo do espaço e do tempo na

- religião”. IN: JUNIOR, Norval Baitello. GUIMARÃES, Luciano. MENEZES, José Eugênio de Oliveira. PAIERO, Denise. (orgs.) **Os símbolos vivem mais que os homens** – ensaio de comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume editora, 2006b (CISC – Centro interdisciplinar de semiótica da cultura e da mídia) p..121 -132.
- KIERKEGAARD, Sören. **Temor e tremor**. São Paulo: Livraria exposição do livro, 1964.
- LIMA, Luiz Costa, **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. 6 volumes. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1992.
- MACINTYRE, Alasdair. “Existencialism”. IN: EDWARDS, Paul (editor). **The encyclopedia of philosophy**. 8 volumes. New York: Collier Macmillan Publishers. 1972. vol.3 p.147- 154
- _____. “Essence and existence”. IN: EDWARDS, Paul (editor). **The encyclopedia of philosophy**. 8 volumes. New York: Collier Macmillan Publishers. 1972. vol.3 p.59,60.
- Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix. 1964.
- MERQUIOR, José Guilherme. **Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- MORA, José Ferrater. **Diccionario de filosofia**. 2 volumes. Madrid: Alianza Editorial, 1984. vol.2.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: Neurose**. São Paulo: Editora Forense. 2002.
- OLIVEIRA, Cláudio Ivan de. PIRES, Anderson Clayton. “A cura integral (psicofísica) no neopentecostalismo brasileiro: uma acomodação ao discurso sobre saúde e doença na sociedade pós-moderna de consumo”. IN: **Estudos de Religião - Revista Semestral de Estudos e Pesquisa em Religião da UMESP**. nº 29. Dezembro 2005. p.78-112.
- OUTLER, Albert C.(editor). **Augustine: confessions and enchiridion**. vol. 7 IN: The Library of Christian Classics. Philadelphia: The Westminster press, 1965. 26 volumes.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. 9ª edição. São Paulo: Editora brasiliense, 1989.

PENZO, Giorgio. GIBELLINI, Rosino. **Deus na filosofia do século XX**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio** – a rendição da cultura a tecnologia. São Paulo: Editora Nobel. 1994.

Seventh-day adventist believe... Hagerstown: Review and Herald publishing association, 1988.

STEFANI, Wolfgang Hans Martin. **Música sacra, cultura e adoração**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2002.

TIMM, Alberto R. “Antecedentes históricos da interpretação bíblica adventista” IN: REID, George W. (editor) **Compreendendo as Escrituras** – uma abordagem adventista. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2007. p.1-14.

TIMM, Alberto R. “Escatologia adventista do sétimo dia, 1844-2004: breve panorama histórico”. IN: TIMM, Alberto R. RODOR, Amin A. DORNELES, Vanderlei. (editores) **O futuro** – a visão adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2004. p.265-302.

VEITH JR., Gene Edward. **Tempos pós-modernos** – uma avaliação cristã do pensamento e da cultura da nossa época. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1994.

_____. **El chamanismo y las técnicas de arcaicas del éxtasis**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.

LYOTARD, Jean – François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1988.

LIBÂNIO, João Batista. “O sagrado na pós-modernidade”. IN: CALIMAN, Cleto (org.), **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 61-78.

MOLES, Abraham A. **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis: Vozes, 1992.

ANTUNES

p.125 – todo texto mantém uma unidade temática; e as palavras relacionadas semanticamente darão a coesão textual. Por isso é de se esperar que nenhuma palavra esteja solta sem ligação com o significado do texto.

p.126 – nas ligações temáticas existirá palavras chaves (ocorrência relevante) e palavras de segunda importância (ocorrência periférica). As palavras são escolhida em detrimento do tema, ou seja, o conjunto das palavras definirá o tema comunicado.

Cultura de massa e do espetáculo fez com que igreja perdesse contato com a sociedade. E para se tornar relevante ela se apropria dos meios seculares de comunicação...mas os meios simplificam e tornam a mensagem existencial...presente...assim talvez sem perceber essa influencia a IASD tem se apropriado desse recurso e como TECNOPOLIO – o meio altera a sociedade...a tecnologia tem formatado o homem...

Essa influencia é pequena como os números mostram, mas não devem ser ignoradas;;; pois...ADORNO – enfraquece a mensagem, pois a massa não está habituada a refletir numa produção mais elaborada como a mensagem adventista.

Uma das questões levantadas por esse trabalho é se vale a pena se a apropriar desse meio para transmitir a mensagem ao mesmo tempo que corre-se o risco de descaracteriza-la como detectado nas igrejas neo (GALINDO< CONTRERA< KLEIN)

Ressurge a idolatria no cristianismo protestante e sua secularização (KLEIN, 2006a)
Essa mediação da sociedade é muito forte e hoje ela está profundamente mergulhada na imagem. Portanto só em usar a imagem, já existe um favorecimento da mensagem ser existencial (CONTRERA, 2006; KLEIN, 2006a).

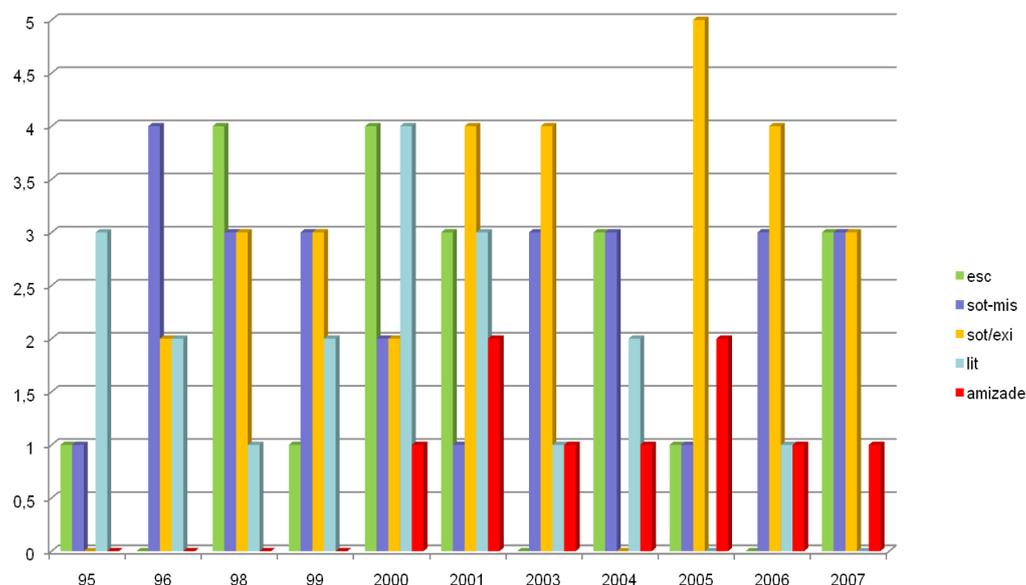
Obs: NOVELINHA NOVO TOM, POSSIVELMENTE PARA AGRADAR COMPONENTES QUE FIZERAM O VOCAL...algumas em 2005 colocam letras da m[usica junto com a imagem em branco...efeito....mas continua ilustrativas...desbravadores com idéia de serviço e missão

Uma pesquisa realizada com os alunos internos do Centro Universitário Adventista de São Paulo em Engenheiro Coelho, revela que a maioria dos jovens desejam uma liturgia mais animada

De acordo com o historiador adventista do sétimo dia Alberto Timm, desde o início do cristianismo a autoridade e interpretação bíblica sofrem por momentos de aculturalização, quando a experiência do homem determina a interpretação das Escrituras para se acomodar a sua comunidade (REID, 2007, p.12). E desde a década de 70 o adventismo tem enfrentado uma influência pós-moderna na sua mensagem, principalmente em sua escatologia (FUTURO, 290; REID, 2007, p.11). Desde esse período o adventismo tem lutado contra uma hermenêutica pós-moderna orientada para o leitor (COMPREENDENDO, 11). “Se tomada a sério a proposta dele [Thomas Steininger que afirma que a esperança adventista sobre a volta de Jesus é uma ilusão e deveria ser tomada existencialmente] eliminaria completamente a identidade profética do Adventismo.”(FUTURO, 291)

E se tomada a sério essa influência, o existencialismo “eliminará completamente a identidade profética do adventismo” (TIMM, 2004. 291).

“Porém, um dos menos perceptíveis, contudo mais permanente desafio da escatologia adventista foi a crescente tendência de substituir a esperança escatológica adventista por uma ênfase mais existencialista na realidade presente da vida cristã.” (FUTURO, 286)



Os passos para uma análise são: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e referência (comparação com fundamentação teórica). Na exploração os dados tem que ser precisos (Análise de conteúdo, São Paulo: Martins Fontes, 1977).

No primeiro passo (escolha de documentos) o analista deve submeter o objeto da pesquisa às hipóteses e objetivos na elaboração de codificadores. Na escolha dos documentos deve-se considerar: escolha do universo relevante à hipótese, exaustividade (não se pode deixar de fora nenhum elemento da categorização), representatividade (em caso de pesquisa por amostragem).

As análises podem ser quantitativa ou qualitativa.

2) Exploração do material (estou fazendo)

3) permiti tornar dados em gráficos, tabelas, para tornar concreto e mais sucetível a conclusões precisas.

Quanto a codificação: deve ser clara (para todos saber o *como* fazer).(p.103)

As unidades de registro são: palavras-chaves(unidade perceptível); tema (núcleo de sentido/ unidade semântica); personagem; (p.105-107)

Considerações: “quanto maior é a unidade de contexto, mais as atitudes ou valores se afirmam numa análise avaliativa, ou mais numerosas são as co-ocorrências numa análise de contigência”. (p.108)

REGRAS de enumeração : a) Ausências ou presença de elementos; b) frequência; c) intensidade;

Enfase na RBF como tempo, Moris Venden e Bullon...

VER O MODO QUE A ESCATOLOGIA É REPRODUZIDO NOS ANOS

E ENFASE NA AMIZADE.

QUAL A ENFASE DAS LITURGICAS – exi, sot, esc...

Buber – judeu, professor de história das religiões em Frankfurt e sociologia na Hebraica de Jerusalém.

Influenciado por Kant e Nietzche no conceito do tempo, espaço e a relação do homem com o eterno

Musica sacra, cultura e adoração, STEFANI

(DEUS AO NOSSO LADO/DENTRO DE NÓS)Cap.4

Catolicismo bem transcendente – Deus além de nós

Após a Reforma que enfatizou o Deus por Nós vem os movimentos espirituais Deus em nós/dentro de nós: Ênfase na subjetividade, menos intelectual e mais emotivo.

O segundo principalmente com o metodismo e pentecostalismo enfatizam o individualismo e a imanência do divino. “uma mente condicionada a exigir da religião satisfação emocional e animação pode vir a identificar essa satisfação e animação emocional com o sagrado”. P.166

167 Liturgia com aproximação espontânea.

169 - Analisando a sociedade jovem da dec. 60,70 Shepherd diz que “a função da unificação e padronização provida por ela [liturgia]”.

170 - Crescimento do estético não diferente do mundo, naturalismo domina a perspectiva da vida. Esse pensamento mais imanente facilmente introduz elementos populares e da cultura na música sacra.

179 – “o afastamento do envolvimento mundano foi substituído com uma participação ativa no momento existencial. O dramático e o sensualista foram utilizados deliberadamente para criar uma experiência de envolvimento”. Essa filosofia no conceito imanente de Deus enfatizado fez com que mais ritmos e apelo ao emotivo fossem incorporados á música.

181- influencia pagã que enfatizar o imanente, o rock and roll influencia os estilos musicais das igrejas pentecostais.

182 – o forte ritmo, o envolvimento físico é característica da música *gospel* de origem negra. Sincretismo de cultura afro com pentecostalismo....música *gospel* – imanente

184- essa ênfase acabou com a dicotomia do sacro e profano/secular

187 – o estilo de música é reflexo da crença

Tese UMESSP

141 – religião no Brasil hoje individualista; mundo= igreja; materialista

142 – música prioriza gosto do “cliente”; maior produto simbólico- música; Incorporou-se ao mercado como um produto religioso; Atraiu os jovens, insatisfeitos com liturgia tradicional. A música mostra essa realidade de migração.

143 – “o estabelecimento de um mercado, muda o modo de tratamento dos antigos e fiéis músicos religiosos”; conceito de liturgia e do sagrado é nebuloso na Renascer.

Mercado *gospel* relativiza autonomia o campo religioso.

144 – A música é apenas de interesse religioso ou propagação da fé? [mensagem pode dizer isso]

145 – “Mas o fato é que enquanto as igrejas tradicionais estão discutindo se ‘bateria é instrumento para se tocar na igreja’, a Renascer em Cristo reúne uma média de 70 mil jovens em shows como o ‘SOS da vida’ e em gravações do gênero louvor” [se atrai, pq? Qual filosofia está na música? Individualista, emotiva?]

PIRES E OLIVEIRA

Conceitos centrais: Modernidade promete felicidade sem religião, razão sem Deus, através do consumismo e do imediatismo. Neopentecostalismo assimila/absorve a cultura e o conceito e coloca Deus e a Sua cura no imediatismo pós-moderno. Há felicidade com Deus e agora. A esperança de um futuro é rejeitada ou não considerada (Desescatologização do evangelho)

80 –Calvino: Predestinação- trabalho/capitalismo é prova de eleição. Análise de Weber.

Freud: Modernidade será sem religião, pois cientificismo mostrará ser uma falácia

Bauman – o homem está muito ocupado hoje para satisfazer a escatologia cristã

Marx e Engels: ópio do agora é a esperança futura do Cristão.

84- Cresce o movimento neo-pentecostal com “discurso da confissão positiva sobre o vencedor”, a psicologia do sucesso. **Jovens são entusiasmados.**

85 - um dos indícios da forma de espiritualidade intramundada neo-pentecostal é: d) momento de louvor é marcado por uma psicologia hedonista. A “experiência com deus deve ser acessível, imediata e sem reservas”. O que atende a um imediatismo consumista.

88 – Bultmann e exegese existencial; neopentecostalismo uma adaptação/acomodação da esperança cristã a uma sociedade de consumo.

89- O ES era evidência da apostolicidade e pregação da volta de Jesus, assim curas e milagres. [mas hoje esses sinais são contrafeitos por Satanás]

90 – outra evidência do pentecostalismo era a separação do mundo.

91 - Mas o neopentecostalismo: curas e milagres agora não só físicos mas psicológicos, para um **bem-estar aqui no mundo**. Imediatismo na sociedade do consumo

92 – na pós-modernidade o corpo tem que ser bem cuidado pois é o lugar das realizações das sensações e felicidade. Imagem é superenfaticada, academias.... [e neopentecostalismo atende as demandas do cliente]

97 – cura psicológica pelo ES. Encontro com Deus

98- neopentecostalismo muito próximo de Feuerbach, o encontro com Deus é afetivo.

Deus é totalmente próximo... “um Deus profundamente voltado para o fiel, ávido de satisfazer-lhe os anseios e desejos, contrário ao Deus pentecostal que assusta, um senso de temor.”

Feuerbach – “Deus é o sentimento humano projetado e voltado para o próprio fiel e despido das limitações humana.” experiência profunda de afetividade de Deus com o homem, para satisfazer seus desejos.

99 - a manifestação de Deus é expressa em uma psicologia erótica detectada na música

101- Em Deus não pode haver doença, o encontro com a divindade opera a cura. Esse encontra á marcada pela erótica espiritual. “promove-se a cura pela via do abastecimento afetivo irrestrito. O momento de louvor então recebe uma atenção BEM SIGNIFICATIVA na liturgia.

102- na teologia neopentecostal o sofrimento não é de Deus. “A profecia do fim da religião da modernidade deu lugar, no caso do neopentecostalismo, a um profundo encontro entre religião e modernidade quanto ao ideal de aniquilação do sofrimento”. Essa conjunto neopentecostal é a religião em formas modernistas.

Bauman dizia que a modernidade promete felicidade pelo racionalismo e consumismo.

103 - E o neopentecostalismo traz essa filosofia com uma roupagem religiosa.

Adaptação do religioso pela cultura do consumo. Fé como potencial do individuo, ótica da superação e pensamento positivo. É indiscutível epistemologicamente. Se não acontece a cura falta fé.

104 – o problema é que os problemas não superados causam desespero. Eles argumentam nas músicas com um “espere um pouco mais”.

105 – PM realização do subjetivismo-individualista; Neopentecostalismo introduz o conceito do transcendente e do relacionamento erótico com Deus –atende a cultura da imagem de academias e filmes que eternalizam o presente. **E isso deixa sua liturgia atrativa**

107 – Deus mora na ilusão/desejo do homem (Feuerbach), sentimento; mas a verdade objetiva/demonstrável é científica. Assim o real para a sociedade do consumo é o imediato, o palpável, que provoca bem-estar. O Neopentecostalismo usa as mesma idéias com o conceito de Deus, com Ele tudo é prazer, bom, o presente e não o futuro/abstrato

108 – o NP acaba então com o conceito de fé bíblica. Creio porque acontece e o NT diz que antes de entrar num relacionamento com Deus há fé. Neopentecostalismo associado aos pressupostos ateístas de VERDADE-REALIDADE-EVIDENCIA. (acomodação religião - cultura). A presença de Deus se constrói a partir das evidências. A adoração NP adota o postulado de Kant que a realidade não pode ser conhecida mas, pelo sentido. Liga o moderno com o religioso.

109- a atuação do Deus invisível não é mais enfatizada, mas Deus se apresenta na história através de atos milagrosos, da Sua presença em evidências. O Reino de Deus é o dá Igreja [Agostiniana do amilenarismo] Reforma com Lutero: o maior ato de Deus na história foi um negativo- a CRUZ

Categorias

Existencialistas: Definir, escola e principal pensador

N o o atista. sagrado na p s-modernidade. n A AN eto
org. **A sedução do sagrado: o em meno religioso na rada do m l n o.**
etr pois o es 199 .p. 1- .

N A do. **No a Era: a religiosidade do p s-moderno.** S o auo
di es oyo a 199 .

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez & Moraes. 1979 2.a edição revista

OLIVEIRA, Cláudio Ivan de. PIRES, Anderson Clayton. *A cura integral (psicofísica) no neopentecostalismo brasileiro: uma acomodação ao discurso sobre saúde e doença na sociedade pós-moderna de consumo*. IN: Estudos de Religião, revista semestral de Estudos e Pesquisa em Religião da UMESP. nº 29.

Enciclopédia Mirador vol.9 pág 4459-4461

EXISTENCIALISMO: prioridade da existência em relação a essência.

4459 - Platão e Aristóteles são filósofos “essenciais”. Para Platão o essencial é a idéia. Para Aristóteles a essência é a forma. A essência é a características que distingue dos demais seres. Para Aristóteles a essência é o ser potencial ou possível.

4460 - Em seres finitos a essência não coincide com a existência só em Deus essência e existência coincidem, pois a idéia de um Deus não existente é absurdo e inconcebível/contraditória.

Essência = conhecimento intelectual; Existência = conhecimento sensível.

Para Platão o essencial no mundo é supra sensível (topos ouranou), já Aristóteles acredita que a essência não está fora da matéria mas dentro dela, sendo existência irreduzível a essência.

Em contraste com a teoria essencialista está a existencialista. Nessa corrente a existência é anterior a essência ontologicamente (em relação a realidade/ser) e epistemologicamente (em relação ao conhecimento). A essência e a idéia são posteriores as coisas. A essência é a “própria coisa considerada de determinado ponto de vista, em sua universalidade”. O indivíduo contém o universal, sendo sua síntese. Ele é único e insubstituível. Nessa teoria a primazia é da liberdade em relação ao ser; da subjetividade em relação ao objetivismo, dualismo, voluntarismo, ativismo. **O existencialismo não centra sua idéia em Deus, portanto não é teologia nem cosmologia** [o problema é que a suas bases são infiltrada na religião], mas profundamente antropológico, sobre o ser humano enquanto existe.

Sócrates pode ser considerado existencial com o seu “conhece-te a ti mesmo” → influencia Agostinho e sua teologia de interiorizar o espírito, subjetividade infinita. Influenciado pelo estoicismo o cristianismo de Agostinho traz a revelação do valor infinito do homem. Inaugura os pensadores existenciais da era cristã. Eles não separam a teoria da prática/experiência, nem a vida do pensamento.

Blaise Pascal (1600) – miséria do homem sem Deus. O homem sem o divino/infinito não é nada. Enganados pelos sentidos, pela imaginação e costumes, pelo amor próprio e sem Deus o homem é infeliz. O homem “antecipa o futuro como se tardasse a chegar e evoca o passado tentando detê-lo. Ocupado com o passado e futuro não pensam no presente. O presente jamais é seu fim; o passado e o presente são seus meios, 4461 - e só o futuro é o seu fim.” Mas assim o homem nunca vive mas espera viver. Ele antecipa Heidegger em mostra que o cotidiano não é autêntico. O homem pensa procurar o descanso mas procura agitação e tenta esquecer sua contínua miséria no divertimento, e nas ocupações exteriores. Não pensa em sua existência mas em dançar, cantar, jogar, lutar, em ser rei sem pensar no que consiste ser rei.

Sören Kierkegaard (1813-1855) – Pai da filosofia existencial, ele assume a plenitude de sua significação. Contradizendo a Descartes e sua filosofia “Cogito ergo sum”(penso logo existo), afirma: “Quanto mais penso, menos sou, e quanto menos penso, mais sou.” Na perspectiva do pensamento existencial a fórmula cartesiana deve ser invertida: não existo porque penso, mas penso porque existo.

Kant demonstra que não é possível deduzir a existência de Deus de sua essência ou dos atributos e predicados que a constituem.

Se a existência é irreduzível ao pensamento, não será contraditório tentar defini-la? Mas os existencialistas propõem pensar o paradoxo.

Para Kierkegaard a paixão do pensamento é o paradoxo a contradição. “Mais que o paradoxo o Cristo é o escândalo absoluto, o Deus que se torna homem e morre na cruz.”

Combatendo a Igreja e os padres funcionários que desfiguravam o cristianismo, ele apela ao extraordinário, um contato mais direto com Deus, uma relação absoluta com o Absoluto. Ele é levado a exaltar a existência no que tem de secreto e misterioso.

“Existir é escolher apaixonar-se mantendo-se na permanente tensão entre a finitude da existência temporal e a infinitude da transcendência divina”. **A verdade é subjetiva, expressão do indivíduo. A questão não está em encontrar a verdade mas em uma verdade que se torna verdadeira quando o homem se apropria dela e a converte em vida.** [bultmann e sua teologia existencialista, onde a Bíblia torna-se a palavra de Deus] O indivíduo então é único e excepcional e ao mesmo tempo igual aos outros.

Kierkegaard dividia os modos de ser da existência humana em:

Estético: o indivíduo vive o instante em permanente aventura, o capricho da vontade dissolve as situações reais em meras possibilidades.

Fausto que reproduz o demoníaco espiritual, que busca eternamente o poder de torná-lo semelhante a Deus.

Don Juan insatisfeito que encarna o demoníaco sensual, sempre a procura de uma mulher ideal da qual as mulheres que se envolve não passam de imagens precárias e insatisfatórias. Uma procura indefinida e sem sentido.

Ético: impõe-se a opção e escolha. Não necessariamente entre o bem e o mal, o que pode ser uma das escolhas possíveis, mas escolher uma hierarquia de valores pela qual viver.

Religioso: implica a consciência do pecado e da presença de Deus. Estabelece uma relação absoluta com o Absoluto, nesse estágio a existência encontra sua maior profundidade e maior intensidade assim como o maior sofrimento. Pois no

relacionamento com o infinito o ser finito se sente ínfimo. Surge o desespero e a angústia. Esse sentimento pode levar tanto a perdição do homem quanto a salvação. A angústia precede o pecado e está ligada a possibilidade e à liberdade. Assim a angústia pode desempenhar uma função terapêutica corroendo as coisas finitas e preparando a revelação do Absoluto.

NIETZSCHE – se aproxima de Kierkegaard e diferencia de Hegel. A filosofia é a expressão da personalidade do filósofo. A vida e o pensamento são inseparáveis. **A realidade é múltipla e contraditória, e só as multiplicidades dos pontos de vista opostos pode traduzir a complexidade da existência.** A noção da verdade é próxima a de Kierkegaard. **A verdade não é a adequação do entendimento e da coisa, mas uma forma de crença, uma opção pessoal, uma escolha de vida. O mundo se torna puramente humano e sem Deus. Moral relativa.** Nietzsche se opõe a moral dos senhores, dos dominantes [contra o sistema religioso]. O imperativo ético fundamental é o da superação constante do homem por si mesmo.

4462 - A angústia existencial resulta num círculo eterno, ou retorno eterno sem começo nem fim onde o homem está condenado a repetir a própria existência. Surge então o niilismo, a vida sem sentido (fim)...o homem se torna seu Deus. Influencia o existencialismo moderno.

EDWARDS, Paul (editor). *The encyclopedia of philosophy 8 volumes*. New York: Collier Macmillan Publishers. 1972. p. 147

147 - O conceito do indivíduo em Kierkegaard é importante para conhecer a realidade. Para se entender a universalidade o indivíduo deve estar no meio. Na massa. Ou seja, o indivíduo é secundário aos conceitos. Mas Kierkegaard crê o contrário. Contra conceitos universais. Mas coloca o indivíduo primeiro. Pois a conceituação é inadequada para determinar a existência.

Quase sempre o contexto do existencialismo é uma metafísica racional. (Deísmo). A maioria são racionalistas decepcionados. A decepção faz com que eles achem que a realidade não possa ser conceituada.

148 – razão humana é limitada. Mas nem todos crêem em irracionalidade. Duas partes predominantes na discussão existencialista é a fenomenologia e a ontologia.

Eles normalmente herdaram de Descartes.

Protestantismo e individualismo influenciam Kierkegaard. Heidegger acha que a ciência é inadequada para determinar a realidade pois usa conceitos. E isso é inapropriado.

BUBER em PENZO, Giorgio. GIBELLINI, Rosino. *Deus na filosofia do século XX*, São Paulo: Edições Loyola. 3ª edição 2002.

193-202

Sonho de vincular a existência judaica ao grande processo de unificação do mundo (*yi'hud*)

Avô estudioso da tradição midráshica teve grande influência em Buber.

Renovação interior, da ação, da unidade como caminho para a redenção da duplicidade.

Envolvimento em movimentos sionistas, ele seguia uma linha de preferência refletir o papel/significado do judeu no mundo, ao invés de uma volta à Palestina.

No *Eu e tu*, concepção do homem solitário, cara ao romantismo e ao idealismo.

Filosofia do diálogo – maior exemplo foi a obra *Eu e tu*.

Possibilidade de diálogo entre as culturas alemãs e judaicas, judeus e cristãos. A necessidade de relação entre cultura contemporânea e busca de Deus. Acreditava numa pacificação entre árabes e judeus. Amava o verso que encontra-se em sua lápide, “Estou sempre contigo” Sl.73:23. [mostra ênfase de sua teologia do encontro – presença,

experiência, emoção, como objeto de unificação dos povos, ecumenismo – pneumatologia ecumênica recente, com neopentecostalismo e música]

Dimensão dialógica da existência que aponte para unificação do seu experimentar o

197 - outro, o mundo e Deus. **“O homem encontra Deus através do mundo e o mundo através de Deus; ele encontra a si mesmo através de Deus e do mundo”**.

“Não a redenção *afastando-se do* mundo ou a sua libertação em relação a ele, mas a redenção em que o mundo, enquanto criação de Deus, é ele próprio redimido. Está ligada ao *yi'hud*, o processo pelo qual Deus e o homem tornam-se um e toda separação e alienação, todas as oposições e distinções chegam a um fim, mas sem desaparecer a alteridade do encontro entre Deus e o homem” (J.S. Weiland, *Martin Buber* p.63.64)

Essa unificação envolve um encontro relacional entre o homem e Deus. “Toda vida autêntica é um encontro”. Embora seja por espontânea vontade que eu entre em relação com o TU, o encontro não é feito ou decidido por mim. “Não é com pesquisas que se descobrirá como o tu venha ao meu encontro por graça...o TU vem ao meu encontro. E eu entro em relação imediata com ele.”(*Werke I*, p.85) “Os homens tornam-se ‘homens’ apenas juntos, caso contrário não se tornam realmente homens e, então, jamais começam a viver”(idem, 368) “Eu tenho origem na minha relação com o TU; quando me torno eu, então digo TU”.(idem, 85).

Apenas através dessa percepção ontológica e profunda experiência do EU/da vida real[material], que dispõe-se a relação com o TU eterno.

198 - Distinção entre a relação entre o EU – ISTO, o mundo, as coisas; e o EU-TU, pessoas, relação pessoal.

EU – TU

Relação (relacionamento)

Presença

Encontro

Amor

Destino

Liberdade

Ser

EU – ISTO

Experiência

Objeto

Utilização

Cuidado, atenção por

Fatalidade

Vontade arbitrária

Possuir

[coisificar as pessoas pois o EU-TU só se conhece pelo EU-ISTO e virse versa, não distinção entre o sagrado e o secular, pois ambos se complementar. YING-YANG]

199 - O Deus da teologia é objeto da fé, é portanto Deus COISA, pois está no mundo do ISTO. Possuímos a Deus, não o real, o Senhor. Deus *existe* enquanto o TU eterno, que pode ser “conhecido” somente através da obediência. O homem pois, não recebe um conceito específico mas uma presença, “energia” que confirma o significado, que não podemos experimentar mística ou intelectualmente mas apenas vivenciar/acolher.

“Podemos apenas procurar confirmar a sua verdade. E mesmo isso não é um ‘deveremos’, mas sim um ‘podemos’, ‘devemos’”.(idem.153-154)

A revelação portanto não é uma comunicação de verdade dogmáticas sobre Deus, o homem e o mundo que pode ser reatualizada culturalmente. A revelação é um evento, o advento de uma presença que abre caminho para o encontro.

Buber era contra a parte do misticismo que rejeita o mundo, nesta terra que se deve viver.

O mundo não é algo que se deve abandonar mas conhecer e ser santificado, importante para o processo de unificação (*yi'hud*), que é o núcleo da redenção messiânica.

200 -A influência do hassidismo no aspecto da unificação do profano e o sagrado, da matéria e do espírito. O apego a Deus, o espírito de humildade, a adoração deviam visar a santificação da vida e a sacralização do mundo. Tanto que nos círculos hassídicos o que valia mais não era o credo mas o espírito dialógico.

201 - Valor relacional da Palavra. O seu plano da restauração de Israel político, ligada a relação Homem-Mundo, estava relacionado ao destino utópico e profético da terra de Israel. O divino nesse plano é retratado não se separando do mundo, mas vinculado a ele. “O verdadeiro amor de Deus tem início com o amor dos homens”.(idem. 305)
[O resultado da teoria de Buber é vista pelo escritor analista com importância nos conflitos árabes-israelenses, mas a Bíblia mostra que não irá acabar. Desescatologização da mensagem bíblica.]

A crença adventista é baseada inteiramente na Bíblia e nela somente. Mais que os numa experiência, a revelação é a base da fé e do relacionamento para com Deus. A primeira crença fundamental é a Bíblia. (Manual da Igreja, p. 9-19)

Bibliografia:

Abraham A. Moles, *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis: Vozes 1992
LIMA, Luiz Costa, *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1990
ECO, Umberto, *Semiótica da linguagem*.
LYOTARD, Jean – François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1988
BUBER, Martin. *Eu e tu*
TANIT

CULTURA DE MASSA – Edgar Morin

p. 24 Produção de massa é ligeira, consumidor não consegue palpar. Consumo é psíquico. [música é bem cultural] Indústria técnica e econômica.

25 –despersonaliza a criação. Padroniza a produção x Individualização

26 – essa tensão se encontra no imaginário/arquétipo. E os MCM padroniza os arquétipos.

28 – Os MCM tem que sempre procurar inovar para agradar, mas ao mesmo tempo manter o arquétipo pra atingir todos. O novo pode desagradar, e o antigo pode enjoar. A solução é a vedete.

30 – a produção é criação de um conjunto [PM – produto de conjunto] e não só de um artista. Como um filme. E nesse processo coletivo deve haver a padronização: um filme tem que ter 1 hora e meia. 1 música tem que ter 3 minutos...

31 – quanto mais ela se desenvolve ela padroniza a individualização

32 – vedetes são personalidade superindividualizadas. Ao mesmo tempo que estruturadas/padronizadas.

33 – o autor não pode mais se identificar com sua obra. Pois depende da formatação da indústria.

34 – Tendência ao consumo máximo padroniza produção.

106 – as vedetes/Olimpianos- produtos mais originais da cultura de massa.

Eles são trazidos para o mundo dos ‘mortais’. Ao mostrar o dia a dia deles e comparado ao povo. Mas mantém a áurea inacessível. São ao mesmo tempo imitáveis e inigualáveis

107 - . “Mundo da projeção e o mundo da identificação” com sua dupla personalidade divino-humana. Assim eles realizam o que os humanos normais não podem realizar, e ligam o divino a personalidade individual. Essa ficção faz com que os modelos antigos (pais, educadores) se tornem obsoletos.

108 – assim os mortais imitam os hábitos da ficção em busca da felicidade. O penteado, o andar, as palavras são imitados para animar a vida verdadeira. Eles são melhores que a

burguesia e a realeza antiga. Pois são mais próximas e mais sublimes. Eles são exemplos da individualidade moderna.

109 – o MCM se fundamenta num paradoxo. A decomposição do sagrado os diviniza. Os deuses do Olimpo moderno são similares aos homens [padronização da modernidade – Deus e homem no mesmo patamar]

LIMA, Luiz Costa. (org.) *Teoria da comunicação em massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002 6ª edição

Texto: Robert K. Merton e Paul F. Lazarsfeld

“COMUNICAÇÃO DE MASSA, GOSTO POPULAR E A ORGANIZAÇÃO DA AÇÃO SOCIAL”

109,110 – existe uma preocupação social pelo poder invencível da mídia. MCM faz batalha psicológica. Não mais explora um trabalhador por 18 horas. Mas bombardeia com propaganda. Isso pelos grandes grupos. Utiliza-se menos força física e mais persuasão de massa

111 – Fala do medo excessivo da escola de Frankfurt que acredita na decadência do gosto popular; na manipulação ideológica;

112 – mostra que não tem como comparar o efeito dos MCM nos EUA. Não existe parâmetro pois é fenômeno novo

113- compara o automóvel e seu impacto com o MCM. Críticos são sobre os MCM e não sobre automóveis.

114 – a tecnologia trouxe progresso, e liberdade. A jornada de trabalho diminuiu, a educação melhorou a saúde também. Mas o tempo livre é gasto com os MCM. E o autor acha que deveria ser melhor usado. É como se fosse um rapaz que compra um presente para uma moça que sai com outro para mostrar o presente

115 – 1) o MCM atribui status aos seus personagens. Se é apoiado pelos MCM então o povo aprova. E o testemunho do ‘especialista’ é um testemunho do próprio status.

Círculo de status.

117 – 2) o MCM padroniza a moral, e reforça as normas sociais. Mobilizando a massa.[o problema é quando a moral da mídia é errada]

118 – como a complexidade inibe a ação de massa, os MCM agem de forma a simplificar a mensagem. É preto e branco.

119 – 3) apesar de aumentar a informação, a MCM narcotiza a ação. Pois o homem passa mais tempo consumindo informação que colocando ela em prática. Fica superficial nos problemas sociais

120 – impede o viciado de conhecer seu vício – os MCM. Conhecimento passivo. Os MCM dos EUA são afetados pelo capital. Os anunciantes tem influencia na produção. Ao contrário da Inglaterra onde é pública.

121 – o MCM não faz crítica social, conforma seu público. Só fala quando interessa financeiramente.

122: “A pressão econômica contribui para o conformismo, omitindo as questões sensíveis”. MCM influencia gosto popular. Mas qual o padrão para o gosto?

123 – MCM popularizou o que antigamente era apenas de poucos. Mas sem refino a massa consome essa produção artística. Sabem ler mas não compreender. Sabem votar mas não se envolvem com as implicações políticas.

124 – Assim os MCM tem que simplificar a o conteúdo para atingir essa massa que é superior em número a elite.

125 – mesmo quando oferecido uma música erudita, não afetou consideravelmente o gosto. Pois apenas manteve os que já gostavam e os que se interessaram da massa foram de forma superficial.

126 – Propaganda com objetivo social:

1) Monopolização: É eficaz propaganda quando não tem contra-propaganda.

Atrizes são colocadas em propagandas. São modelos. Uma atriz que ganha 100 mil reais é tido como solução para a vida da mãe de um salário, em campanhas sociais.

128- 2) Canalização: a publicidade reforça modelos existentes. Como usar uma escova de dente. Mas é difícil mudar atitudes vigentes.

129 - 3) Suplementação: contato face a face com o consumidor. Reforça a mídia. “a propaganda não se torna eficaz pelo simples fato de sua exposição”

130 – ao estar na mídia a mensagem é tida com um status. O contato então só reforça o peso da mídia.

131 – os que não tem poder aquisitivo não conseguem usar a mídia e reforçar com trabalho de base. Ou seja, a monopolização da influencia. Assim a periferia não envolve-se nos MCM e seu papel social é fraco. E os que tem dinheiro usam para reforçar costumes sociais vigentes. Só mudam no seu interesse. Com raras exceções.

Pires Galindo. *Religião, mídia e entretenimento: o culto “tecnofun”*. IN: **Estudos de Religião**, Ano XVIII no.26, 24-52, jan/jun. 2004.

Fala sobre a cultura da comunicação e que esse MCM pode ser analisado de duas formas.

p.30 - Escola Funcionalista: analisa o efeito do MCM no contexto da pessoa.

31 - Uma das características é a de entreter o indivíduo, fornecendo um meio de evasão dos problemas.

32 – MCM é um meio de aliviar tensão do trabalho, [mais tempo livre e usado nos MCM- LIMA, 114]. Por isso o MCM tem como principal função social entreter.

33 – A sociedade passou teocentrismo para antropocentrismo para o tecnocentrismo. Sociedade midiática. A tela invade o cotidiano.

34 – esse entretenimento da tela é emotivo, fantasioso. A tela pode ser a união entre o som e a imagem. [telas de projeção do CD jovem]

35 – compara cavernas e pinturas, fascínio humano pela arte, como as casas, cavernas modernas. Agora com plasma. **Mídia eletrônica é recebida.** Ao contrário de mídia percebida (jornal impresso). O último requer tempo e envolvimento para assimilação. O Primeiro é instantâneo a interação quanto a reação. Assim o próprio meio é um entretenimento. Usa homo videns para mostrar sociedade emotiva e não racional.

36 - Entretenimento é “uma forma de experiência sensorial prazerosa”. Sociedade atual é caracterizada pela busca do prazer.

TV – fuga da realidade

37 – a presença da TV em “todo o lugar”, o torna como Deus. Em várias partes se experimenta aquilo que apresenta. MCM atinge um publico grande.

38 – Isso faz com que a cultura seja subjetiva. E a religião é subjetiva. A religiosidade na mídia une os dois e tem sucesso. Apelo ao sensorial. Sociedade hedonizada pela mídia. O religioso é exposto através dos MCM. Deus é cada vez mais midiaticizado.

39 - Em todo lugar e de toda forma se fala de Deus. **O homem pode experimentar Deus a qualquer momento.**

40-41: **sociedade está cada vez mais envolvida com a religião midiaticizada.** Mostra filme com Padre Marcelo Rossi. Programas de rádio e TV religiosos...

42 – olimpianos religiosos (cita IARA em Canal da imprensa)

43 - Hoje vivemos na sociedade religiosamente tecnologica. [PM] Mistura o sagrado com o profano. O mesmo canal que emite bênçãos e abençoa a água na TV, transmite filmes eróticos.

44 – mega eventos como os da mídia são feitos por evangélicos [como PM com shows locais para atender e reforçar o MCM]

46 – boates evangélicas em São Paulo e mega show de talento gospel mostram que religião mídia e entretenimento estão cada vez mais juntos. A internet também é usada para a religião virtual

47 – a missa é trocada pelo mouse e a vela virtual.

48 – na internet a religião se torna individualizada, e não coletiva. [??PM preocupação com o coletivo; mas religião é individualista. GRENZ]. Já existe até o padroeiro da net: Tiago Alberione e de São João Bosco.

50 – Durkheim: relação estreita entre religião e diversão. Entre e efervescência, o delírio e a religião.

51- Mas o autor lembra que a vida não é só diversão. Mas envolve sofrimento, e quando esquecemos disse fugimos da realidade.

Canaldaimprensa – 2002 dezembro

Marketing e religião : o papel do marketing na origem, expansão e consolidação da Igreja Apostólica Renascer em Cristo

Marcelo Janikian

Location:

http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=260

Falar para o Allan abrir pra mim.

Pode falar que CD jovem é consumido em maior parte pelas telas de projeções nos cultos. E que imagem é emotiva. Característica existencialista. Emoção em detrimento da razão. Característica do MCM e do PM.

DEFLEUR Melvin *Teorias de comunicação de massa*. Rio de Janeiro:Vozes 1983.

p.170 – Economia legitima e determina produção artística.

172 – no MCM as pessoas são números. Os padrões são o do mercado

174 – formato é estabelecido e predeterminado. Todos sabem com é. Romantismo e expressionismo eram contra musica organizada. Mas os MCM padronizam.

175,76- a reprodutibilidade faz com que produção cultural seja padronizada. Os produtos afetam a sociedade e como são iguais ela padroniza a sociedade tb. [será que formato, estrofe, coro, estrofe coro...é padronização?]

177 – Linguagem padronizada para se adequar ao mercado. Perde então a criatividade.

179 – “a indústria cultural por fim absolutiza a imitação”. Uma extensão da produção de série. Tudo igual e repetitivo.

181 – estética acima de tudo, pois é ela que vende. Quem não se adequar a estética do mercado é considerado fora de moda. Pressão que antigamente era física, nos senhores feudais, agora é psicológica. “Quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do isolado”.

- 182 – A mídias controlam a massa nesse aspecto. E eles são mais influenciados que os proprietários dos MCM. O mito do sucesso é mais latente na massa que nos controladores.
- 183 – a indústria cultural conseguiu colocar Beethoven num cassino. *Amusement* é sua característica.
- 184 – A IC faz com que a arte séria seja da mesma ‘qualidade’ que a arte leve. E um ponto em comum é a repetição.
- 185 – o *amusement* –consequência do trabalho mecanizado. Apenas para dar prazer na IC. “O pretense conteúdo é só uma pálida fachada; aquilo que se imprime é a sucessão automática de operação reguladas”. O consumidor não deve trabalhar com a cabeça pois isso dar trabalho e ele usa a IC para fugir do trabalho. [A tecnologia era para dar mais tempo livre aos homens] Mas esses passam no consumo da IC e dos sinais/estímulos.
- 186 – fala sobre os desenhos animados. Eles através da técnica superam a realidade, dando outra vida aos personagens depois da morte. Animais são vivificados. E o sofrimento é motivo de atenção e riso.
- 187 – “O prazer da violência contra o personagem transforma-se em violência contra o espectador.”...A tecnologia pode trazer benefícios tangentes, como o ar condicionado que esfria o clima. Mas a IC...”A IC continuamente priva seus consumidores do que continuamente lhes promete.” [o que estimulado e não satisfeito é sublimado diz Freud – e virá em reprimendas, ou como Mark Finley diz, cauteriza a mente, estímulo sem ação] antigamente as artes eram sublimadas, ou seja, representar a satisfação na negação.
- 188 - “Mas a IC não sublima, mas reprime e sufoca”. O constante estímulo sexual da IC apenas estimula mas não satisfaz. As artes anteriores eram puras, mas a IC é pornográfica. O modelo de beleza é impresso em todos os locais. A individualidade é exaltada. “O triunfo sobre o belo é realizado pelo humor.” E ri-se daquilo que não tem graça. Ela é uma “fraude sobre a felicidade” [visão negativista – bem moderna]
- 189 – “Lei suprema é que nunca se chegue ao que se deseja e que disso até se deve rir com satisfação”. Tudo gira em torno do prazer que não pode dar.
- 190 – a IC é corrompida pois é o templo do prazer elevado.
- 191 – “A fusão atual da cultura e da diversão não se realiza apenas como depravação daquela, mas ainda como espiritualização forçada desta.” Ou seja, a IC reacende a fé. Fé nos esteriótipos criados por eles. E nesse esquema ele acaba que purificando as paixões por ele suscitada.
- 192 – divertir-se significa estar de acordo com...e esquecer os problemas. Mas uma fuga não da realidade ruim, mas da resistência a ela. “A libertação do *amusement* é a do pensamento como negação.”
- 193 – o consumidor se identifica e consome com os vedetes. Muitas vezes são usados tipos da sociedade para eles se verem lá. Mas como são apenas poucos que chegam “lá”, então logo se desisti do sonho. De novo ela cria e frustra. E com a padronização dos arquétipos ele padroniza o homem. Que pode ser substituído por QUALQUER outro. As pessoas (participantes do MCM) são joguetes, objetos para obter o lucro.
- 195 – transmite uma onisciência[como Deus]

O mesmo ocorre no adventismo com os programas *Renascer do pastor Bullón* e os corinhos jovens. Logo eles serão assimilados a liturgia principal da igreja adventista do sétimo dia.

Rodrigo de Galiza Barbosa
Orientador: Vanderlei Dorneles

Tema ou objeto: A teologia escatológica retratada nas músicas do CD Jovem da igreja adventista do sétimo dia.

Problema: Recentemente as músicas oferecidas para o público jovem e evangélico têm sofrido uma desescatologização. Isso porque as músicas são transformadas em meios de comunicação massa. E uma das características da cultura de massa é a simplificação da mensagem e seu aspecto emotivo em detrimento do racional. Por ser o movimento adventista do sétimo dia um movimento jovem e escatológico, será analisado sua produção musical jovem mais importante. O objetivo é saber se esse movimento religioso está sendo afetado por essa característica de comunicação de massa.

Hipótese: A construção doutrinária feita pelas músicas jovens tende a uma simplificação da fé e a uma ênfase no aspecto existencial e relacional da religião no lugar dos conteúdos proféticos e escatológicos da crença adventista.

ESBOÇO do TRABALHO

Contextualização (o fenômeno como é visto hoje)

Questões, problemas

Objetivos

Justificativa

Metodologia (técnicas e conceitos teóricos)

Desenvolvimento do tema

TERRIN, Aldo. **Nova Era: a religiosidade do pós-moderno**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.